

2.º CICLO
ESTUDOS ANGLO-AMERICANOS

**Uma análise acerca da relevância da teoria da
interseccionalidade para a leitura da biomitografia
Zami de Audre Lorde**

Ana Rafaela Madureira Damas

M

2023



Ana Rafaela Madureira Damas

**Uma análise acerca da relevância da teoria da
interseccionalidade para a leitura da
biomitografia *Zami* de Audre Lorde**

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Estudos Anglo-Americanos, orientada
pela Professora Doutora Maria Teresa Lobo Castilho

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2023

À minha mãe

Declaração de honra

Declaro que a presente dissertação é de minha autoria e não foi utilizada previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referenciação. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

Porto, 30 de julho de 2023

Ana Rafaela Madureira Damas

Agradecimentos

À Professora Doutora Maria Teresa Lobo Castilho pela sua disponibilidade e por todos os ensinamentos. A conclusão desta dissertação não teria sido possível sem o apoio constante da minha orientadora. Levo os seus conselhos para a vida e agradeço-lhe por acreditar em mim e por me ter acompanhado nesta etapa que, embora desafiante, recordarei para sempre com muito carinho.

Às minhas amigas pelo encorajamento com que sempre me presentearam.

Ao Duarte pelo amor que sempre demos um ao outro e por sermos os melhores companheiros. Tornei-me uma pessoa muito mais feliz desde que começámos a partilhar a vida lado a lado. Espero construir com ele a família com que sempre sonhei e que continuemos a ser a casa um do outro para sempre.

Ao meu irmão, João, que amo e admiro mais do que ele imagina. Sou muito grata por nunca ter conhecido uma realidade onde ele não estivesse comigo e sei que, passe o tempo que passar, ele estará sempre pronto para cuidar de mim, como tem feito desde que nasci.

À minha mãe por me mostrar o que é amar incondicionalmente e por ser a minha melhor amiga. O meu amor pela minha mãe, bem como a gratidão que sinto por tudo o que fez por mim e pelo meu irmão, serão eternos. A minha mãe é e será sempre a melhor pessoa que já conheci, assim como a mulher mais forte, especial e bonita do meu mundo. É a ela que dedico este trabalho, bem como todas as minhas conquistas, porque lhe devo toda a minha vida.

Por fim, porque o caminho para a conclusão desta dissertação nem sempre foi fácil, não posso deixar de referir o imenso orgulho que tenho em mim mesma por ter conseguido terminar esta etapa. Mesmo durante o ano mais desafiante da minha vida, a minha perseverança surpreendeu-me e mostrou-me que sou capaz de tudo aquilo a que me proponho. Este trabalho foi feito com todo o meu amor e reflete muito do que sou enquanto estudante e também enquanto pessoa.

Resumo

Tendo como ponto de partida a teoria da interseccionalidade de Kimberlé Crenshaw e as esferas de opressão específicas geradas pela interseção de categorias sociais, este trabalho debruça-se sobre a relevância da interseção das categorias raça, género, classe social e orientação sexual na jornada de autodescoberta enquanto mulher e enquanto escritora que Audre Lorde recria na sua biomitografia *Zami: A New Spelling of My Name* (1982). Tendo como informante o contexto social, cultural e literário dos Estados Unidos entre as décadas de 1950 e 1980, esta dissertação apresenta não só uma análise de ensaios selecionados de Audre Lorde, nos quais a escritora problematiza o preconceito múltiplo de raça, género, classe social e orientação sexual, como também uma leitura crítica da biomitografia *Zami*.

Palavras-chave: Audre Lorde; *Zami: A New Spelling of My Name*; interseccionalidade; identidade; raça; género; classe social; orientação sexual

Abstract

Considering Kimberlé Crenshaw's theory regarding intersectionality and the specific spheres of oppression which arise from the intersection of social categories, this dissertation addresses the importance of the intersection of race, gender, social class and sexual orientation throughout Audre Lorde's self-discovery journey as a woman and as a writer in *Zami: A New Spelling of My Name* (1982). Paying close attention to the social, cultural and literary context of the United States of America from 1950 until 1980, this dissertation offers not only an analysis of selected essays by Audre Lorde which problematize prejudice against race, gender, social class and sexual orientation, but also a critical reading of the biomythography *Zami*.

Keywords: Audre Lorde; *Zami: A New Spelling of My Name*; intersectionality; identity; race; gender; social class; sexual orientation

Sumário

Introdução.....	1
Capítulo 1 – Uma visão social, cultural e literária dos Estados Unidos entre as décadas de 1950 e 1980.....	5
1.1. A sociedade norte-americana dos anos 50 no pós-Segunda Guerra Mundial.....	5
1.2. A realidade das mulheres nos Estados Unidos dos anos 50: o conceito <i>feminine mystique</i>	7
1.3. Os movimentos revolucionários da comunidade afro-americana durante os anos 60 e 70.....	12
1.4. A literatura de mulheres afro-americanas dos anos 70 e 80: do feminismo inter-racial ao conceito “interseccionalidade”.....	19
Capítulo 2 – Problematização do preconceito múltiplo de raça, género, classe e orientação sexual em ensaios seleccionados de Audre Lorde.....	27
Capítulo 3 – <i>Zami: A New Spelling of My Name</i>	42
3.1. A definição de biomitografia e a rutura com a tradição literária norte-americana da segunda metade do século XX.....	42
3.2. A infância de Audre Lorde: do racismo dos anos 30 e 40 ao fascínio pela arte de contar histórias.....	43
3.3. As mulheres que marcaram a jornada de Lorde e a descoberta do sentido de <i>home</i> na personagem “Zami”.....	47
Conclusão.....	56
Referências Bibliográficas.....	58

Introdução

Para propor uma leitura crítica da biomitografia *Zami: A New Spelling of My Name* (1982) de Audre Lorde, esta dissertação parte de uma abordagem em torno da teoria da interseccionalidade introduzida pela professora Kimberlé Crenshaw em 1989¹. O termo “interseccionalidade” foi utilizado pela primeira vez por Crenshaw no artigo “Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics” e assenta na teoria de que a interseção das diversas categorias sociais como género, raça, classe social e orientação sexual origina esferas de discriminação particulares.

Embora Crenshaw tenha apresentado o conceito “interseccionalidade” no final da década de 1980, a noção de que a confluência de diferentes categorias gera esferas de opressão específicas já havia sido desenvolvida por outras escritoras nos anos 70 e 80, o que Kaisa Ilmonen sublinha, com pertinência, no seu artigo “Identity politics revisited: On Audre Lorde, intersectionality, and mobilizing writing Styles”:

[...] a number of Black feminist authors and activists [...] had already developed ‘intersectional’ perspectives in the early 1970s by combining class interests with gender-specific issues in racial categorizations, thus articulating the problems of multiple simultaneous oppressions (without actually naming such combinations as intersectional). (2019: 11)

Neste trabalho, entre as escritoras que nos anos 70 e 80 refletiram sobre a discriminação gerada pela interseção de diferentes categorias sociais destaco Audre Lorde. Nos seus textos, desde os poemas aos ensaios teóricos e à sua inovadora biomitografia, Lorde expõe o modo como o seu género, a sua raça e a sua orientação sexual definiram a sua identidade enquanto mulher e enquanto escritora, e problematiza também a forma como a interseção destas categorias criou uma forma de discriminação múltipla e particular de que foi vítima ao longo de toda a sua vida.

¹ O subcapítulo 3.1 deste trabalho elucidará acerca da definição do género literário biomitografia, tendo este termo sido utilizado pela primeira vez por Audre Lorde em *Zami: A New Spelling of My Name* em 1982.

Entre as escritoras que ao longo destas duas décadas problematizaram o preconceito múltiplo de raça, gênero e classe social, para além de Audre Lorde, este trabalho destaca também, por opção, June Jordan, Maya Angelou e Adrienne Rich².

Antes de me debruçar sobre a premissa em que assenta a perspetiva que admito como ponto de partida para esta dissertação, é crucial perceber quem foi Audre Lorde e por que razão esta escritora e os seus textos representam um contributo para a problematização da opressão exercida sobre as mulheres negras lésbicas. Para isso, nesta introdução abordarei não só parte da vida de Audre Lorde, na qual se baseia para redigir a maior parte dos seus textos, como também a identidade que assume enquanto escritora. Para além disso, desenvolverei também a problematização que a escritora faz nos seus textos acerca da subjugação das mulheres, e sublinharei de que forma a teoria da interseccionalidade contribui para um melhor entendimento dos textos de Lorde.

Audre Lorde foi uma das mais importantes escritoras feministas da segunda metade do século XX nos Estados Unidos da América. Nascida em 1934 em Nova Iorque, com ascendência do Caribe, Lorde direcionou grande parte do seu trabalho para a problematização da opressão das mulheres e para a interseção das categorias de raça, gênero, classe social e orientação sexual. A escritora teve como ponto de partida para os seus textos a sua experiência e vivências pessoais, bem como o preconceito de que foi vítima, a nível pessoal e profissional, por ser uma mulher afro-americana lésbica. Por esta razão, Lorde foi sempre uma escritora interventiva em movimentos sociais que lutavam pela igualdade de direitos para a comunidade afro-americana, nomeadamente para as mulheres. Em grande parte dos seus textos, desde os seus poemas aos ensaios teóricos, passando pela biomitografia *Zami*, Lorde problematiza muito pertinentemente a

² June Jordan, Maya Angelou e Adrienne Rich foram três das escritoras americanas da segunda metade do século XX que mais problematizaram nos seus textos a subjugação da mulher, tendo também como ponto de partida para as suas reflexões as suas experiências pessoais enquanto escritoras e mulheres que pertenciam a mais do que uma minoria. Impulsionadas pelo feminismo, estas três escritoras foram, tal como Lorde, sempre interventivas em movimentos sociais que apelavam à igualdade de direitos para as mulheres, lutando ativamente pela conquista de uma realidade mais justa para todas elas. No Capítulo 1 desta dissertação, no subcapítulo dedicado à literatura de mulheres afro-americanas dos anos 70 e 80, voltarei a referir Jordan, Angelou e Rich e analisarei a problematização que tão pertinentemente fazem nos seus textos acerca da discriminação de que as mulheres eram vítimas e da influência da interseção de diferentes categorias sociais no preconceito que era dirigido às mulheres.

discriminação e a inferiorização de mulheres que pertenciam a múltiplas minorias, ressaltando que a opressão de que aquelas eram vítimas era gerada pela interseção das diferentes categorias identitárias. Neste ponto, a escritora refere o que alguns anos mais tarde Kimberlé Crenshaw veio a definir como interseccionalidade.

Ao longo desta dissertação, analisarei o modo como Audre Lorde invoca nos seus textos instâncias de discriminação particulares geradas pela interseção de diferentes categorias sociais, e refletirei também sobre a forma como Lorde teoriza sobre a importância de categorias como raça, gênero, classe social e orientação sexual na sua identidade enquanto mulher e enquanto escritora.

Num primeiro momento, o Capítulo 1 levar-nos-á a uma contextualização social, cultural e literária dos Estados Unidos entre as décadas de 1950 e 1980. Este capítulo debruçar-se-á também sobre a realidade das mulheres brancas e negras nos Estados Unidos desde os anos 50 aos anos 80. Para além disso, este primeiro capítulo incidirá sobre os movimentos sociais que surgiram, nessa época, como uma forma de combater a subjugação de que minorias como as mulheres, os homossexuais e os afro-americanos eram vítimas. Este primeiro momento dedicar-se-á ainda ao esclarecimento de conceitos como interseccionalidade e feminismo negro, que serão fundamentais para a compreensão do que defenderei nesta dissertação. O Capítulo 2, por seu lado, apresentar-nos-á uma análise de um conjunto de ensaios selecionados de Audre Lorde, ao longo dos quais a escritora reflete sobre a discriminação de que foi alvo enquanto mulher e enquanto poeta negra e lésbica, teorizando nesses ensaios sobre a opressão que viu ser praticada sobre toda a comunidade afro-americana, dando particular atenção às mulheres. Finalmente, tendo como base de sustentação o contexto social, histórico e literário dos anos 50 aos anos 80 do século XX e os aspetos problematizados em ensaios selecionados nos capítulos anteriores, o Capítulo 3 incidirá sobre uma leitura crítica de *Zami: A New Spelling of My Name*, através da qual pretendo sublinhar a importância da interseção das categorias raça, gênero, classe social e orientação sexual na jornada de autodescoberta que Lorde nos apresenta na sua biomitografia. Para além disso, o Capítulo 3 debruçar-se-á também sobre a procura de Lorde pelo sentido de *home*, sendo este um dos temas principais da narrativa. Inicialmente, a escritora associa *home* a um lugar físico e às mulheres com quem se cruza ao longo da sua jornada. Porém, é apenas no final de *Zami* que Lorde, enquanto escritora e enquanto mulher, encontra o sentido de *home* ao assumir perante si mesma uma nova personagem que emerge da narrativa e que marca a conclusão

da jornada de autoconhecimento descrita no texto. Por fim, a Conclusão sublinhará os pontos de chegada desta dissertação.

Capítulo 1 – Uma visão social, cultural e literária dos Estados Unidos entre as décadas de 1950 e 1980

1.1. A sociedade norte-americana dos anos 50 no pós-Segunda Guerra Mundial

A sociedade norte-americana do início da segunda metade do século XX tinha ainda muito presente na memória o período conturbado das décadas de 1930 e 1940, marcadas, respetivamente, pela Grande Depressão e pela participação dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial. A Grande Depressão, que é até hoje percecionada como a maior crise financeira enfrentada pelos Estados Unidos, teve um impacto notório no desemprego e na descida do valor salarial. O clima de grande instabilidade económica que se gerou prolongou-se até ao final dos anos 30 e abalou por completo as dinâmicas familiares devido ao ambiente de precariedade e de insegurança que dominava o país.

Pouco depois, no início dos anos 40, enquanto os norte-americanos tentavam reerguer-se desta crise financeira, os Estados Unidos participaram na Segunda Guerra Mundial. Com os militares norte-americanos a combater fora do país, as mulheres viram-se forçadas a assumir sozinhas a responsabilidade de assegurar o bem-estar familiar, dada a ausência dos maridos. Para isso, começaram a ocupar os postos de trabalho anteriormente assumidos pelos homens, tendo elas sido nessa altura fundamentais para a força laboral do país. De facto, os dois eventos históricos evocados que marcaram a primeira metade do século XX dos Estados Unidos da América moldaram uma imagem familiar longe de ser perfeita, dadas as dificuldades económicas e a ausência das figuras paternas.

Os anos que se seguiram à Segunda Guerra Mundial foram, em contraste com a crise que caracterizou os anos 30, tempos de prosperidade económica. Com o regresso dos milhares norte-americanos aos Estados Unidos, aquando do fim da guerra, era esperado o retorno de homens e mulheres aos papéis que anteriormente desempenhavam, ou seja, os homens ocupariam os empregos que tinham deixado para trás e as mulheres voltariam à esfera doméstica.

Com a introdução da Lei de Reajustamento dos Militares em 1944, também conhecida como *G. I. Bill*, muitos dos veteranos da Segunda Guerra Mundial receberam uma série de benefícios, incluindo empréstimos que utilizavam para começar os seus negócios e ajuda financeira para cobrir despesas educacionais. Isto possibilitou a muitos veteranos a oportunidade de terem uma educação universitária, o que, posteriormente,

lhes permitiu o acesso a ofertas de emprego com melhores condições salariais, laborais e melhores perspectivas de progressão de carreira também. Porém, se, por um lado, esta lei foi vista por muitos como benéfica e como uma forma de ajudar e até mesmo recompensar quem tinha ido defender o país, por outro, a medida veio acentuar a visão segregacionista que se fazia sentir na sociedade norte-americana do século XX. Os apoios económicos não eram fornecidos a todos os homens, e a grande maioria ajudada por esta iniciativa de reajustamento era composta somente por militares brancos, o que veio intensificar a já existente desigualdade financeira e social entre brancos e negros.

Marcada pela instabilidade dos anos 30 e 40, a sociedade norte-americana dos anos 50 ansiava sentir segurança e projetava essa necessidade na preocupação em construir uma família que refletisse essa tão desejada serenidade. Devido a esta ambição, crescia a importância de existir um local no qual a família pudesse viver tranquilamente, e os subúrbios, que marcaram a cultura americana dos anos 50, foram o lugar escolhido para uma tentativa de recomeço nas áreas periféricas das grandes cidades.

A vontade do retorno aos papéis de género tradicionais do passado, que se fazia sentir por todo o país, com a estabilidade do presente fez surgir a imagem idealizada da família americana que marcou a década de 1950. Esta fantasia estava de tal modo presente na sociedade que até a própria publicidade e os programas televisivos da época contribuíam para a perpetuação desse quadro familiar, como demonstra Muriel Cantor no artigo “The American Family on Television: From Molly Goldberg to Bill Cosby”:

Prime-time television has featured alternative life-styles [...] But the nuclear family and until recently the white nuclear family predominates as the ideal. In the fifties and the sixties, for example, there were no black families on television. However, since *Julia* was first broadcast in 1968, the black family has been a regular feature. In the past, the ideal family lived in the suburbs or a small town; the father had a professional job, the mother was a housewife who was rarely shown doing any housework other than preparing meals, and at least one of the multiple children was a male (*Father Knows Best*, *Leave it to Beaver*, and *Donna Reed* are examples). In the fifties and sixties also, women with children were not depicted as having jobs, whereas now TV mothers balance home and career with seemingly little effort. (1991: 207)

Como Cantor refere, nos anos 50 e 60 não existia representatividade de famílias negras na televisão norte-americana, e a família ideal apresentada era sempre branca, composta por pai, com um emprego estável, mãe, enclausurada na esfera doméstica, e

filhos. Além disso, esta imagem fantasiosa de uma família perfeita incluía apenas casais heterossexuais, uma vez que a heteronormatividade estava ainda muito presente na mentalidade da sociedade norte-americana da década de 1950.

O objetivo de grande parte das famílias era corresponder a essa imagem idealizada, e os subúrbios pareciam ser o local perfeito para a concretização dessa ambição. Porém, apesar de serem inicialmente perspectivados como o local escolhido para recomeçar e esquecer as duas décadas anteriores que tanto afetaram os norte-americanos, os subúrbios rapidamente revelaram o conformismo da sociedade do pós-Guerra³. A classe média que ali vivia compunha, assim, uma comunidade homogênea, caracterizada por uma ausência total de individualidade, já que todos pensavam do mesmo modo, possuíam casas e carros iguais, vestiam-se de forma semelhante, partilhavam as mesmas aspirações, parecendo cópias uns dos outros.

1.2. A realidade das mulheres nos Estados Unidos dos anos 50: o conceito *feminine mystique*

Betty Friedan, uma importante ativista da segunda vaga do movimento feminista nos Estados Unidos, publicou *The Feminine Mystique* em 1963. Ao longo do texto, a escritora faz uma análise e uma reflexão acerca da ideia popularizada na época referente às mulheres atingirem a sua felicidade e contentamento total através do casamento e da maternidade, sendo que este pensamento era, segundo a própria, a definição de *feminine mystique*. Tal como a fantasia de família perfeita era difundida pelo país, também a crença

³ A experiência nos subúrbios, inicialmente perspectivada como uma possibilidade de recomeço e um refúgio natural para o indivíduo norte-americano, acabou por mostrar ser um ambiente artificial, homogêneo e que enclausurava a comunidade que lá vivia. A propósito desta oposição entre o que os norte-americanos ansiavam que os subúrbios representassem e o que estes revelaram ser, Robert Beuka expõe muito pertinentemente em *SuburbiaNation: Reading Suburban Landscape in Twentieth Century American Fiction and Film* a imagem distópica que tomou conta da paisagem suburbana e o modo como esta, apesar de inicialmente parecer representar o sonho norte-americano, rapidamente revelou ser “that dream’s inverse: the vision of a homogenized, soulless, plastic landscape of tepid conformity, an alienating ‘noplacé’.” (2004: 4).

de que a mulher conseguiria atingir um estado de realização pleno através do casamento e dos filhos era tida como inquestionável.

No texto em questão, Friedan contesta esta ideia, tendo por base entrevistas com mulheres cujo cotidiano era limitado a estar em casa, tomando conta do lar e das crianças. Através das conversas que teve com estas mulheres, a escritora percebeu que era comum a todas elas um sentimento de descontentamento que muitas não conseguiam explicar ou sequer entender, visto que, segundo o que lhes era ensinado, a família deveria ser o suficiente para se sentirem completas. Porém, se por um lado algumas mulheres não se identificavam com este ideal por almejavam a independência e desejarem construir uma carreira profissional, por outro lado a grande maioria das mulheres aceitava este futuro com normalidade e fazia dele o seu grande objetivo de vida.

Betty Friedan afirma ainda que as mulheres eram educadas desde cedo a não ambicionar uma carreira profissional, a não lutar pelos seus direitos de igualdade lado a lado com os homens e a não ter um pensamento revolucionário, o que sublinha em *The Feminine Mystique*:

They learned that truly feminine women do not want careers, higher education, political rights—the independence and the opportunities that the old-fashioned feminists fought for. Some women, in their forties and fifties, still remembered painfully giving up those dreams, but most of the younger women no longer even thought about them. A thousand expert voices applauded their femininity, their adjustment, their new maturity. All they had to do was devote their lives from earliest girlhood to finding a husband and bearing children. By the end of the nineteen-fifties, the average marriage age of women in America dropped to 20, and was still dropping, into the teens. Fourteen million girls were engaged by 17. The proportion of women attending college in comparison with men dropped from 47 per cent in 1920 to 35 per cent in 1958. A century earlier, women had fought for higher education; now girls went to college to get a husband. By the mid-fifties, 60 per cent dropped out of college to marry, or because they were afraid too much education would be a marriage bar. (1963: 16)

Assim sendo, como expõe Friedan, a quietude, a passividade e a submissão eram aplaudidas como se de feminilidade se tratasse, e o único sonho da mulher deveria passar pela domesticidade. Enquanto assim era com a mulher, o homem, por sua vez, poderia e deveria ser bem-sucedido tanto pessoal como profissionalmente, mantendo uma vida dentro e fora de casa.

Na década de 1960, o movimento feminista norte-americano encontrava-se na sua segunda vaga e muitas ativistas já tinham travado diversas lutas para conquistar direitos e liberdade para as mulheres, e entre eles o direito à educação universitária e à presença no mundo académico. Ainda que esta luta feminista tenha persistido, a propagação do ideal feminino recatado, passivo e doméstico intensificou-se com o fim da Segunda Guerra Mundial. Como Friedan constata, na década de 1950 sessenta por cento das mulheres desistiram da universidade ou para se casarem ou por recearem o que uma educação superior poderia implicar para o seu futuro enquanto esposas. De facto, muitas já nem sequer tentavam entrar na universidade, ficando noivas muito jovens, garantindo o futuro através do casamento, que pensavam ser a melhor e mais segura opção. Para a sociedade norte-americana dos anos 50, a mulher informada, com pensamento próprio e capaz de questionar o paradigma social não correspondia ao ideal de mulher que se desejava por colocar em causa tudo o que estava preestabelecido nos Estados Unidos de então.

Após falar com várias mulheres, todas elas com estabilidade financeira, uma família a ser construída e uma casa na periferia das grandes cidades, e perceber o descontentamento que as invadia, Betty Friedan argumenta que este sentimento era o resultado de estas mulheres estarem restringidas à faceta de esposas e mães, dominadas pelo que a ativista apelida de “the problema that has no name”. Segundo a escritora, as mulheres que desejavam ter uma carreira profissional bem-sucedida e ser independentes optavam por não se mudar para os subúrbios e permaneciam nas grandes cidades para lhes ser permitido o acesso a uma melhor educação e a mais oportunidades de trabalho. Infelizmente, muitas das mulheres que assumiam o papel tradicional do estereótipo familiar da década de 1950 na América eram privadas de procurar algo além do núcleo familiar e esperava-se que se contentassem com essa realidade. Muitas não eram felizes, mas também não ousavam questionar a fantasia que se construiu na época, contribuindo para a perpetuação do enclausuramento doméstico da mulher.

Porém, nem todas as mulheres contribuíam para esta imagem submissa e redutora da mulher. Já antes de Betty Friedan publicar *The Feminine Mystique* era notória a preocupação de outras ativistas feministas perante a infelicidade das mulheres naquele quotidiano que as privava da sua liberdade e da sua individualidade. Contudo, foi após o texto ser publicado, no início da década de 1960, que muitas mulheres encararam a reflexão de Friedan como um apelo urgente à mudança e à adesão à luta feminista. De

facto, o crescimento do movimento feminista nos anos 60 foi evidente, coincidindo com o início da sua segunda vaga.

Ainda que a segunda vaga do feminismo norte-americano tenha sido marcada também pelo texto de Friedan, o grupo de mulheres a que a escritora se refere *em The Feminine Mystique*, com quem conversou e sobre o qual reflete no seu texto é específico, uma vez que é somente composto por mulheres brancas de classe média ou média-alta com acesso à educação. Esta restrição a mulheres pertencentes a categorias sociais privilegiadas fez com que a análise de Friedan fosse criticada por algumas ativistas da sua época, entre as quais se destaca bell hooks.

bell hooks, professora e escritora americana da segunda metade do século XX, direccionou grande parte do seu trabalho para a problematização da opressão das mulheres e para a interseção das categorias de raça, género e classe social. Em *Feminist Theory: from margin to center*, publicado em 1984, hooks reflete sobre a margem em que são colocadas as mulheres negras, continuamente silenciadas e anuladas por uma sociedade não só patriarcal, como também racista, e inicia esse seu texto com uma referência ao que Friedan escrevera duas décadas antes em *The Feminine Mystique*:

Friedan concludes her first chapter by stating: "We can no longer ignore that voice within women that says: 'I want something more than my husband and my children and my house.'" That "more" she defined as careers. She did not discuss who would be called in to take care of the children and maintain the home if more women like herself were freed from their house labor and given equal access with white men to the professions. She did not speak of the needs of women without men, without children, without homes. She ignored the existence of all non-white women and poor white women. She did not tell readers whether it was more fulfilling to be a maid, a babysitter, a factory worker, a clerk, or a prostitute, than to be a leisure class housewife. She made her plight and the plight of white women like herself synonymous with a condition affecting all American women. In so doing, she deflected attention away from her classism, her racism, her sexist attitudes towards the masses of American women. In the context of her book, Friedan makes clear that the women she saw as victimized by sexism were college-educated, white women who were compelled by sexist conditioning to remain in the home. (1-2)

O que bell hooks aqui aponta, de forma tão pertinente e explícita, é que a reflexão de Betty Friedan acerca da realidade das mulheres da década de 1950 não representava todas elas, uma vez que o foco de Friedan incidia sobre um grupo específico e privilegiado

de mulheres, marginalizando o que sentiam todas as outras que não se integravam nessa realidade. Friedan seguiu, afinal, o mesmo pensamento de muitas outras ativistas e escritoras brancas e percebeu o grupo que entrevistou como representativo de todas as mulheres norte-americanas. Porém, o descontentamento sentido pelas mulheres que Friedan analisou nada mais era do que uma sensação vivenciada pelo estereótipo de mulher ideal dos anos 50, branca, educada, de classe média e com estabilidade financeira. Como hooks refere, Friedan não equacionou na sua reflexão a realidade de mulheres não-brancas, pobres, solteiras, de diferentes classes sociais e profissões. Na sua tentativa de evidenciar o conflito interno das mulheres dos anos 50 que povoavam os subúrbios com as suas famílias, Friedan negligenciou todas as outras mulheres que pertenciam a mais do que uma minoria. A pressão que era exercida sobre o grupo com que Friedan conversou era somente sexista, visto que, como estas mulheres eram brancas e pertenciam às classes média e média-alta, faziam parte de um grupo privilegiado no que concerne à raça e à classe social, e isto possibilitava que lutassem mais facilmente por uma vida diferente da que tinham, se assim o desejassem. O mesmo não sucedia com as mulheres negras ou mulheres de classe baixa, às quais qualquer possibilidade de mudança era retirada de imediato por pertencerem a mais do que uma minoria. Contudo, como hooks evidencia, caso as mulheres entrevistadas por Friedan optassem por forjar o seu próprio percurso fora do lar, quem teria de assumir o papel de cuidadora das suas casas e dos seus filhos não seria o marido, mas sim uma outra mulher, negra ou de classe baixa, que não teria, ao contrário da mulher branca de classe média e com acesso à educação, direito a ambicionar uma carreira profissional e independência financeira.

Assim, o questionamento de hooks acerca do que foi apresentado em *The Feminine Mystique* tem origem no facto de Betty Friedan apresentar uma perspetiva unidimensional da realidade das mulheres nos anos 50 nos Estados Unidos, encarando estas como um grupo homogéneo que passava pelas mesmas dificuldades e pressões sociais e normativas, negligenciando por completo a questão da raça, da orientação sexual e da classe social. A meu ver, ao colocar de parte estas categorias e se focar somente na questão de género e na realidade das mulheres brancas nos subúrbios nos anos 50, Friedan não reconhece que a interseção das diferentes categorias cria adversidades e preconceitos específicos. Ainda assim, o tema abordado pela ativista no seu texto é relevante dada a desigualdade de género que predominava na América, uma vez que as mulheres continuavam a ser reduzidas à domesticidade e a serem privadas da sua individualidade, independentemente da raça ou da classe a que pertenciam. Porém, tornava-se cada vez

mais urgente dar voz às mulheres negras, que sofriam duplamente com o preconceito sexista e racial na sociedade em que estavam inseridas.

É no seguimento desta realidade opressiva em que viviam as mulheres negras que na década seguinte, nos anos 60, muitas mudanças e momentos revolucionários tiveram lugar nos Estados Unidos da América. Um dos momentos que marcou o início desta década foi, por exemplo, a introdução da pílula anticoncepcional, que possibilitou que as mulheres conseguissem ter um maior poder de decisão relativamente à gravidez, o que lhes permitiu uma maior liberdade sexual. Além disso, muitas mulheres reagiram aos apelos de ativistas que incentivavam a luta feminista, o que fez com que cada vez mais mulheres decidissem trabalhar e lutar por melhores oportunidades e condições laborais.

Na mesma década, foram fundadas algumas associações cuja premissa passava pela construção de uma realidade mais justa e com mais apoios para as mulheres, como é o caso da *National Organization for Women*, estabelecida em 1966. No que diz respeito a leis, em 1963 foi aprovado o *Equal Pay Act*, que proibia a diferença salarial com base na discriminação de género, seguido do *Civil Rights Act* de 1964, que, em termos de direitos civis e laborais, reprovava a discriminação com base na raça, cor, religião, género e nacionalidade. Esta última medida política foi de extrema importância na época, e permanece até hoje como um dos maiores marcos da década na América, estando a sua aprovação associada ao Movimento dos Direitos Civis dos negros nos Estados Unidos e ao movimento feminista também.

1.3. Os movimentos revolucionários da comunidade afro-americana durante os anos 60 e 70

O Movimento dos Direitos Civis dos negros nos Estados Unidos marcou os anos 50 e 60 da segunda metade do século XX e tinha por base a luta pelos direitos civis e pela igualdade para a comunidade afro-americana. Este movimento social lutava pela abolição da segregação racial e da discriminação institucionalizada, e pela conquista do direito ao voto para todos os cidadãos negros. Depois de séculos de sofrimento, preconceito e violência praticados contra afro-americanos, e com todo um passado marcado pela escravatura e pela opressão racial, a década de 1960 assistiu ao empoderamento da comunidade e da cultura afro-americanas.

Na mesma década, surgiu um outro movimento intrinsecamente associado ao Movimento dos Direitos Civis dos afro-americanos, o *Black Power Movement*, que representava uma forma de contracultura face à discriminação racial que caracterizava a sociedade norte-americana de então. Pelo final da década de 1960, os apoiantes do movimento, influenciados pelos ideais defendidos por Malcolm X, exigiram uma tomada de posição mais ativa e, caso necessário, mais violenta, para combater a ideologia supremacista branca. Na verdade, o assassinato de Malcolm X, que era considerado um líder da luta pelos direitos dos afro-americanos, incitou uma atitude mais radical por parte da comunidade negra, visível em grupos como o *Black Panther Party*. O movimento acabou por perder popularidade no final da década de 1970, tendo terminado de forma definitiva durante os anos 80.

Os anos 60 e 70 foram também palco de uma revolução e libertação sexual que contribuiu para o momento de contracultura que se vivia na América⁴. Os norte-americanos procuravam explorar a sua sexualidade em diferentes contextos e com diferentes pessoas, o que, de certa forma, normalizou o sexo fora do casamento, a masturbação e a pornografia. Apesar disto, a homossexualidade continuava a não ser aceite, dado o paradigma heteronormativo do país.

Ainda durante a década de 1960, os Estados Unidos presenciaram o início do *Black Arts Movement*. Este movimento foi considerado por alguns teóricos como uma *Second Renaissance*, no seguimento da *Harlem Renaissance*, um momento que se estendeu pelas décadas de 1920 e 1930, e ao longo do qual predominou a valorização, a celebração e o renascimento cultural afro-americanos, desde a música à literatura, passando pelo teatro, pela política e pela moda. Como o *Black Arts Movement* tinha o objetivo de celebrar as mais variadas formas de arte criadas por artistas e intelectuais negros, a comparação que era feita com a *Harlem Renaissance* era inegável. O ano de 1965 é apontado como o início do *Black Arts Movement*, coincidindo com o assassinato de Malcolm X e com a fundação do *Black Arts Repertory Theater* por Amiri Baraka, em Harlem, que era entendido como um local direcionado para a expressão artística. O

⁴ A propósito desta libertação sexual a que os Estados Unidos assistiram durante as décadas de 1960 e 1970, David Allyn publicou em 2000 *Make Love, Not War. The Sexual Revolution: An Unfettered History*, texto no qual o escritor traça a evolução desta revolução sexual, analisando os anos e os momentos históricos que a precederam.

movimento celebrava o poder e o orgulho em ser negro, realçando também a beleza e a força de uma comunidade ainda privada de muitos direitos. Deste modo, os artistas que fizeram parte deste movimento ambicionavam a afirmação da criação autônoma da sua arte, a defesa da sua cultura, a representação da sua comunidade e o despertar da consciência sobre a necessidade de lutar pela igualdade e pela liberdade.

Para o *Black Arts Movement* contribuíram importantes escritoras que marcaram o século XX, como Nikki Giovanni, June Jordan, Gwendolyn Brooks, Carolyn Rodgers, Sonia Sanchez, Maya Angelou e Audre Lorde. Entre os temas mais comuns nos textos destas escritoras estão: a identidade, a sexualidade, a discriminação de raça e de gênero, a valorização da cultura afro-americana e a aceitação e a proclamação da beleza negra. Na verdade, a beleza afro-americana foi negada durante séculos, uma vez que o estereótipo de mulher atraente e bonita que era aceite pela sociedade norte-americana exigia que a mulher fosse branca. Só com a conquista dos direitos civis dos afro-americanos, através dos movimentos sociais, e após décadas de luta feminista negra é que a própria comunidade começou a interiorizar o *slogan* popularizado no século XX “black is beautiful”, visto que, ao longo de tanto tempo, toda a liberdade, autonomia e valorização foi retirada à comunidade negra numa tentativa constante de desumanização.

Apesar de o *Black Arts Movement* ter sido inovador e crucial para a comunidade negra por contribuir para a desconstrução do preconceito racial, não é verdade que tenha tido o mesmo efeito na desconstrução da discriminação de gênero. Ainda que muito tenha sido alcançado nas décadas de 1950 e 1960, a conquista de mais direitos para a comunidade negra nem sempre se traduziu numa vitória para as mulheres negras. Mais uma vez é importante reforçar a necessidade da consciência de que, mesmo que a comunidade negra fosse alvo de injustiça, opressão e violência, a realidade das mulheres e homens negros nunca foi igual, já que as mulheres negras sofriam um tipo de preconceito específico que era gerado pela interseção das categorias de gênero e de raça, enquanto os homens negros apenas eram discriminados racialmente.

A violência e a opressão praticadas contra as mulheres afro-americanas não ocorriam apenas dentro da comunidade branca nos Estados Unidos. Mesmo com um papel ativo na luta pelos direitos civis dos afro-americanos, contribuindo para uma América onde a discriminação racial fosse cada vez menor, as mulheres negras continuavam a não ser respeitadas como os homens negros eram. As suas vozes não eram ouvidas com a mesma atenção, o seu desempenho não era reconhecido com o mesmo valor e as mulheres eram constantemente lembradas de que aquela era uma luta da

comunidade negra contra a discriminação racial e não uma luta contra a discriminação de género. A inferiorização das mulheres negras era perpetuada dentro da própria comunidade afro-americana, que não reconhecia o preconceito específico que se gerava a partir da interseção das categorias de raça e de género. Existia, assim, uma intolerância e uma opressão inegáveis face às mulheres dentro da comunidade afro-americana, o que Audre Lorde elucida no ensaio “Learning from the 60s”:

As Black people, if there is one thing we can learn from the 60s, it is how infinitely complex any move for liberation must be. For we must move against not only those forces which dehumanize us from the outside, but also against those oppressive values which we have been forced to take into ourselves. [...] In the 1960s, the awakened anger of the Black community was often expressed, not vertically against the corruption of power and true sources of control over our lives, but horizontally toward those closest to us who mirrored our own impotence. [...] Historically, difference had been used so cruelly against us that as a people we were reluctant to tolerate any diversion from what was externally defined as Blackness. (1984: 135-136)

Lorde expõe deste modo a tensão que existia na comunidade negra norte-americana dos anos 60, sublinhando que esta década ficou marcada pelos movimentos revolucionários afro-americanos, que deixaram transparecer uma imagem de união da comunidade. Porém, como Audre Lorde tão bem desenvolve, a opressão que a comunidade branca exerceu sobre a comunidade negra causou nos próprios afro-americanos intolerância a qualquer característica que divergisse do que era subentendido dentro da comunidade como a essência de ser negro.

A tensão dentro da comunidade afro-americana refletia-se também na questão de género. A clausura e a exaustão que os homens negros sentiam por terem sido continuamente oprimidos, associada à tão ansiada liberdade de afirmarem a sua masculinidade e a sua autoridade na sociedade, fizeram com que os homens afro-americanos se percecionassem como os líderes dos movimentos revolucionários que surgiram nos anos 60. Nesse sentido e para que tal sucedesse, as mulheres negras eram subjugadas e inferiorizadas, adjetivadas de incapazes de suportar sozinhas a luta racista que estava a ser travada. Este conflito entre os dois géneros durante os momentos revolucionários da década de 60 foi particularmente visível no *Black Arts Movement*,

como evidencia Abney Louis Henderson em *Four Women: An Analysis of the Artistry of Black Women in the Black Arts Movement, 1960s-1980s*:

The leaders at the forefront of the Black Arts Movement were males, and although the group was the Black Power Movement's "spiritual sister" the male dominated movement was not feminine in its arrangement. [...] These men used art, music, and poetry to their advantage to develop the Black Power Movement's militant message. With the usage of the phallic symbol: "the pen, the gun, the penis, and the microphone (Collins and Crawford, 2006)"; these men were able to pronounce their masculine existence in various art forms to define and substantiate the supposed revolutionary Black male identity. [...] The voices of women during that time span were recorded but not revered in the same manner as the voices of Black men. (2014: 33)

Os principais líderes do *Black Arts Movement* foram homens e foi através das suas criações artísticas que se afirmaram não apenas como homens, mas como homens negros que, orgulhosos da sua cultura, pretendiam revolucionar o paradigma de então e romper com a mentalidade racista que dominava a sociedade deste início da segunda metade do século XX. Para que as vozes dos pioneiros negros deste movimento fossem ouvidas, as mulheres não tinham direito a ocupar o mesmo espaço que eles, já que muitos desses líderes se percecionavam como superiores às mulheres negras. No que concerne ao preconceito sexista por parte dos homens em relação às mulheres, considero relevante realçar que esta discriminação de género tinha lugar tanto na comunidade branca como na negra, visto que, como tão bem evidencia bell hooks, o poder utilizado pelos homens para dominar as mulheres não tinha origem somente na classe social e na raça, mas também no inegável privilégio que o género masculino ocupava na sociedade:

[...] the power men use to dominate women, is not just the privilege of upper and middle class white men, but the privilege of all men in our society regardless of their class and race. (1982: 87)

No que diz respeito ao pensamento sexista dentro da comunidade negra, Amiri Baraka, uma das principais figuras do *Black Arts Movement*, escreve, em 1970:

We talked about the black woman and the black man like we were separate because we have been separated [...] We were separated by the deed and process of slavery. [...] And

so this separation is the cause of our need for self consciousness, and eventual healing. But we must erase the separateness by providing ourselves with healthy African identities. By embracing a value system that knows of no separation but only for the divine complement the back woman is for her man. For instance we do not believe in the “equality” of men and women. We cannot understand what the devils and the devilishly influenced mean when they say equality for women. We could never be equals... nature has not provided thus. The brother says, ‘Let a woman be a wo-man... and let a man be a ma-an...’ (*ibidem*: 95)

Baraka tentou distanciar-se da sociedade branca de classes média e alta da época e refere no seu discurso a escravatura, a violência e a opressão racial que toda a comunidade negra sofreu às mãos da população branca. Contudo, ao admitir no seu discurso que não acredita na igualdade entre o homem e a mulher, Baraka demonstra uma visão patriarcal e sexista, tal como a que caracterizava a América branca desta segunda metade do século XX. Esta visão de Baraka era partilhada por outras figuras masculinas que marcaram o *Black Arts Movement*, que não procuravam, afinal, igualdade para toda a comunidade negra, mas sim igualdade entre homens.

O preconceito de género estava, de facto, presente na mente de toda a comunidade masculina norte-americana, fosse branca ou negra, e tornara-se evidente a tentativa de inferiorização das mulheres por parte dos homens, que as queriam forçar a ocupar um lugar doméstico. Contudo, como nos anos 60 e 70 os Estados Unidos assistiram a um aumento no número de mulheres que contribuíam para a força laboral, consequentemente os homens brancos acabaram por ver o seu papel de chefes de família, como sendo capazes de proteger e sustentar a mulher e os filhos, sofrer alterações. Com as mulheres a ganhar autonomia e independência e a conquistar algum poder, ainda que muito reduzido em comparação com o poder masculino, os homens começaram a sentir que o seu estatuto e lugar na sociedade e na família estava a mudar. A sociedade da época tinha crescido num ambiente patriarcal que atribuía ao homem a responsabilidade de sustentar a família e de ser um elemento forte e inabalável, disposto a lutar pelo seu país e a construir o seu próprio futuro. Por essa razão, a identidade destes homens era, em grande parte, moldada pela sua masculinidade, e o conceito de masculinidade passava por estas obrigações e capacidades. Assim sendo, quando, depois de momentos históricos difíceis para o país, a sociedade começa a evoluir e a tornar-se cada vez menos dependente dos homens, estes começaram a sentir a sua masculinidade a ser castrada.

Neste momento de insegurança por parte dos homens brancos, que coincidiu com o momento em que a comunidade negra estava ativamente a lutar pelos seus direitos civis e a garantir que a sua voz era ouvida no país, os homens negros afirmaram-se como mais capazes, donos de uma masculinidade mais forte, que conquistaram através da inferiorização das mulheres negras, como teoriza bell hooks em *Ain't I A Woman*:

It is no mere coincidence that at the same time white men were expressing doubts and anxieties about their masculine role, black men chose to publicly proclaim that they had subjugated black women. (1982: 96)

Nesta tentativa de passar uma imagem de masculinidade superior à dos homens brancos, os afro-americanos acabavam por perpetuar o estereótipo do homem negro violento, temido pela sociedade, como explica Trevor Milton no artigo “Class Status and the Construction of Black Masculinity”:

Of all the Black male stereotypes created over the last 150 years that of the violent criminal has been methodically cultivated, commodified, and outright embraced by US society. In the 1960s, Black Masculinity was reshaped by the newly acquired political power of the Civil Rights Era. Notions of the ‘good negro’ (or obedient/deferential negro) were purposefully destroyed and replaced with a more defiant/revolutionary representation. The 1960s-70s played a pivotal role in the creation of this violent male identity. Specifically, the combination of the media’s portrayal of the antagonistic Black Power Movement, and record crime rates in African American neighborhoods, created feared images of African American men. (2012: 19)

Como bell hooks muito pertinentemente observa em *Ain't I A Woman*, a comunidade masculina branca e negra defendia a mesma visão patriarcal:

While the 60s black power movement was a reaction against racism, it was also a movement that allowed black men to overtly announce their support of patriarchy. Militant black men were publicly attacking the white male patriarchs for their racism but they were also establishing a bond of solidarity with them based on their shared acceptance of and commitment to patriarchy. The strongest bonding element between militant black men and white men was their shared sexism – they both believed in the inherent inferiority of woman and supported male dominance. [...] Racism has always

been a divisive force separating black men and white men, and sexism has been a force that unites the two groups. Men of all races in America bond on the basis of their common belief that a patriarchal social order is the only viable foundation for society. (1982: 98-99)

Assim, mesmo que a discriminação racial marcasse a relação hostil entre homens brancos e homens negros, e ainda que os discursos dos líderes masculinos de movimentos que lutavam pelo fim da segregação racial fossem denunciadores da comunidade branca, o sexismo era algo que unia os dois grupos, o que hooks evidenciou. Fossem brancos ou negros, opressores ou oprimidos, os homens norte-americanos desta época perpetuavam a ideia da inferioridade da mulher. Apesar de desejarem revolucionar o paradigma norte-americano racista que caracterizava aquela década e mesmo as que a antecederam, a comunidade negra masculina seguia o modelo patriarcal desde sempre adotado pela comunidade branca contra a qual se manifestava.

1.4. A literatura de mulheres afro-americanas dos anos 70 e 80: do feminismo inter-racial ao conceito “interseccionalidade”

Impulsionadas pelo objetivo feminista de lutar pela igualdade de direitos e oportunidades para homens e mulheres, e visando a problematização da subjugação das mulheres, muitas afro-americanas decidiram escrever nos anos 60 e 70 sobre a discriminação que sentiam por parte da comunidade masculina branca e negra. Foi no seguimento da exposição da realidade da mulher negra por parte destas escritoras que, nos anos 70, surgiu a *Black Women's Literary Renaissance*, sobre a qual Izabella Penier teoriza no seu texto *Culture-bearing Women: The Black Women Renaissance and Cultural Nationalism*:

The writers and black feminists who initiated the Renaissance not only challenged the dominant readings of black history but also provided a corrective to constructions of black womanhood. They exposed the patriarchal and racist ideologies of American society by highlighting black women's exclusion from both the male-dominated civil rights movements and mainstream white feminism. By rewriting their people's history and redefining their black feminist heritage, these black feminist novelists gave shape to what Elleke Boehmer described in a different context as “the matriarchal yearnings of

dispossessed women seeking their own place in tradition and history” (Stories of Women 88) (2019: 17)

Durante os anos 60 e 70, os Estados Unidos assistiram ao aparecimento de movimentos que lutavam pela igualdade de direitos para as comunidades branca e negra, bem como por uma maior representação da cultura afro-americana na literatura. Nessa época, surgiu a imagem da família nuclear negra, sempre muito unida e com uma cumplicidade que a tornava quase perfeita. Como consequência, o que se esperava dos textos de autores negros dessa década era a representação desse ideal familiar, para que a fantasia fosse popularizada cada vez mais até dentro da própria comunidade negra. Contudo, o início deste momento literário viu diversas escritoras afro-americanas expor as suas histórias e as suas experiências e criar personagens literárias que representavam as adversidades que a comunidade de mulheres afro-americanas sofria numa sociedade que se regia pelo patriarcado.

Foi nesta década de 1970 e na seguinte que surgiram alguns dos textos com maior reconhecimento da segunda metade do século XX e que colocavam em causa esta fantasia familiar ao expor, de forma honesta e crua, a realidade de muitas meninas e mulheres negras que eram alvo de violência por parte das figuras paternas. Estas narrativas difundiam o estereótipo do homem negro violento, mencionado por Trevor Milton no artigo “Class Status and the Construction of Black Masculinity”, uma vez que as figuras paternas que deveriam proteger as suas filhas, de acordo com o ideal de família nuclear negra, eram, na verdade, quem mais as traumatizava. Maya Angelou destruiu esta imagem idealizada ao contar, na sua primeira autobiografia, *I Know Why the Caged Bird Sings*, a forma como ela e o irmão foram abandonados, quando eram ainda muito novos, pelos pais. Além disso, a autora reviveu, através da escrita, o abuso sexual que sofreu por parte do companheiro da sua mãe, tendo este sido assassinado, presumidamente pelos familiares de Maya depois de saberem da violação. A morte deste homem ocorreu após Maya ter confirmado que ele tinha sido o seu abusador, o que a levou a temer as consequências das suas palavras e a deixar de falar durante anos. Alice Walker, em *The Color Purple*, apresentou Celie, uma menina afro-americana que era violada e constantemente agredida pela figura paterna com quem cresceu, e de quem engravidou duas vezes, sendo que os dois filhos lhe foram retirados pelo pai contra a sua vontade. Em *The Bluest Eye*, Toni Morrison deu a conhecer a história de Pecola, que era, tal como as outras duas personagens, abusada sexualmente pelo pai, de quem teve um filho que

acabou por falecer. No final do romance, subentende-se que Pecola perdeu a sanidade, e foi só nesse estado de delírio mental que conseguiu lidar com a violência e o sofrimento a que foi sujeita por todos os que a rodeavam. Nestas três narrativas, foi levantado o véu sobre a violência e a subjugação de que as mulheres negras eram vítimas desde crianças e foi desconstruída a fantasia de família negra ideal e unida que a comunidade afro-americana tentava transparecer, numa tentativa de esconder a opressão de gênero e a violência desmedida de que eram alvo as mulheres negras. Estes três romances dos anos 70 e início dos anos 80 têm como um dos temas principais a família e a falta de apoio e empatia dos homens que assumiam a figura paterna.

No entanto, pelo final da década de 1980, algumas escritoras afro-americanas acabaram por deixar de lado a referência a personagens masculinas negras e escreveram textos centrados em mulheres negras com poder, sabedoria e coragem, responsáveis pela união e coesão da família, sendo que esta evolução literária é reforçada por Izabella Penier:

While black female social protest novels of the 1970s unraveled the fantasy of an idealized nuclear black family by emphasizing the endemic subordination of women and destructive patterns of behavior of black men, the narratives of the 1980s finished off what was left of male authority by showing the centrality of women in sustaining “the unity of the tribe.” Such novels as *Mama Day*, *Abeng* and *Praisesong for the Widow* celebrated multigenerational black families that were presided over by vigorous and wise maternal figures [...] In their maternal romances, BWR [Black Women’s Renaissance] writers switched the myth around, so that, for the first time, the black family plot was empowering for women. (*ibidem*: 41)

Tal como Penier explica, existiu uma mudança nos textos dos anos 70 para os anos 80 escritos por mulheres negras. Por um lado, nos anos 70, as narrativas de escritoras afro-americanas eram focadas em desconstruir a imagem fantasiada da família ideal negra através da exposição de comportamentos violentos e abusivos por parte das figuras paternas. Por outro lado, na década de 1980, a literatura escrita por mulheres negras centrava-se totalmente sobre a visão de uma figura que procurava a negação da sua feminilidade imposta, tornando-a o alicerce da família e ocupando a posição que outrora pertencia ao homem negro. Esta mudança na representação da família negra refletiu-se no destaque que passou a ser dado à figura da mulher que suportava e norteava as restantes

gerações. Esta alteração foi muito influenciada pela luta feminista que tinha lugar nos Estados Unidos da América naquela altura. Durante os anos 60 e 70, o feminismo estava em plena segunda vaga, e a luta pela igualdade de género intensificou-se devido à inspiração de outros movimentos que lutavam contra a discriminação, como o Movimento dos Direitos Civis.

Ainda que as feministas desta segunda vaga afirmassem estar a lutar por todas as mulheres, mesmo as que não faziam parte da comunidade branca, a verdade é que preferiam focar-se no género e ignorar o impacto da raça na opressão específica de que as mulheres negras eram vítimas. Deste modo, o que sucedia era um não-reconhecimento de que as mulheres negras eram mais discriminadas e tinham ainda menos direitos e liberdade do que as mulheres brancas, o que perpetuava uma luta que apenas considerava a realidade branca, desde sempre privilegiada em relação à afro-americana. Como as mulheres negras não se sentiam representadas por essa luta que consideravam ser somente direcionada para as preocupações das mulheres brancas, esta vaga não conseguiu tornar real a ambição de um movimento feminista inter-racial.

Mais tarde, já no início dos anos 90, e como resposta ao que estava em falta nas décadas de 1960 e 1970, surgiu a terceira vaga do feminismo nos Estados Unidos, que coincidiu com o aparecimento de novos conceitos, como o *womanism*, introduzido por Alice Walker em 1979 em “Coming Apart” e em *In Search of our Mothers' Gardens: Womanist Prose*, em 1983. Walker, num momento inicial, descreve uma *womanist* como uma feminista negra e, nos dois textos mencionados, reflete sobre a pouca liberdade de expressão que as escritoras negras tinham, enfatizando a ideia de que, provavelmente, existiram muitas mulheres negras a quem, devido à opressão racial, nunca foi permitido o desenvolvimento ou o estímulo da sua criatividade. A grande diferença do conceito e movimento *womanism* para o feminismo assentava no facto de a luta feminista ser constituída por mulheres que, muitas vezes, eram racistas e não acreditavam que as mulheres negras mereciam os mesmos direitos e a mesma liberdade que elas. O *womanism*, por sua vez, tinha a sua base na luta contra o racismo e na valorização das experiências e vivências das mulheres negras. Além disso, este movimento defendia que a raça de uma mulher negra, além de ser uma componente da sua identidade, influenciava também o modo como essa mulher negra iria definir a sua posição enquanto feminista. O *womanism* é, muitas vezes, associado ao feminismo negro, uma vez que este surgiu como resposta à preocupação que as mulheres afro-americanas sentiam em criar um espaço social para elas mesmas, onde as suas vozes fossem ouvidas, já que o movimento

feminista da primeira metade do século XX apenas lutava pelos direitos das mulheres brancas. O feminismo negro, que surgiu na década de 1960, considerava que o gênero, a raça e a classe social eram categorias indissociáveis e que a sua interseção gerava um preconceito que ia além da discriminação de gênero ou de raça quando analisadas de forma independente. O preconceito dirigido a uma mulher negra não poderia ser apenas entendido como uma consequência do racismo ou somente do sexismo, mas sim considerando-se a interseção de ambos, sendo que a convergência destas duas categorias constitui um exemplo de interseccionalidade.

A compreensão daquilo em que assentava a interseccionalidade, antes mesmo de o termo ser apresentado por Crenshaw, começava a ser notória em determinadas autoras feministas que escreviam nos anos 70 e 80. Conscientes do preconceito de raça, de gênero e de classe social que oprimia muitas mulheres naquela época nos Estados Unidos, algumas escritoras problematizaram este tópico na sua escrita, como são exemplo June Jordan, Maya Angelou e Adrienne Rich.

Impulsionada pela luta feminista e pela vontade de desconstruir o preconceito racial, June Jordan foi uma das mais importantes escritoras da segunda metade do século XX norte-americano. Os seus textos, que reproduzem as suas convicções pessoais, tomam o pessoal e o político como indissociáveis e foi, muitas vezes, nas suas próprias vivências que encontrou inspiração para escrever sobre as temáticas de identidade, sexualidade, raça e classe. Jordan defendia, também, o uso do *Black English*, uma variedade afro-americana do inglês, que considerava ser uma representação da sua cultura, e fazia-o com orgulho, criticando a sociedade da época que encarava o dialeto como inferior ao inglês padrão que era utilizado pela comunidade branca. Além disso, Jordan refletia recorrentemente sobre a ausência no cânone literário norte-americano, que lhe era apresentado na escola quando ainda era jovem, de autores que pertencessem a minorias com as quais Jordan também se identificava, o que explica em *Civil Wars*:

No one ever presented me with a single Black author, poet, historian, personage, or idea for that matter. Nor was I ever assigned a single woman to study as a thinker, or writer, or poet, or life force. Nothing that I learned, here, lessened my feeling of pain or confusion and bitterness as related to my origins: my street, my family, my friends. Nothing showed me how I might try to alter the political and economic realities underlying our Black condition in white America. (1981: 100)

Inserida numa sociedade que oprimia o seu género e a sua raça, June Jordan gostava de ter tido conhecimento de figuras literárias que fossem mulheres e negras. Porém, a comunidade negra era continuamente negligenciada e marginalizada pela sociedade norte-americana, e as escritoras negras não eram estudadas nas escolas nem percecionadas como relevantes no cânone literário dos anos 50, sendo este o período ao qual Jordan se refere. A dificuldade em encontrar escritoras afro-americanas que pudesse considerar como modelos para a sua carreira literária impossibilitava Jordan de entender como poderia contribuir, através dos seus textos, para a alteração das condições de vida da comunidade negra numa América branca que oprimia os afro-americanos.

Maya Angelou foi também uma das principais escritoras americanas da época a dedicar os seus textos à problematização de tópicos semelhantes aos que Jordan abordou na sua literatura: identidade, raça e género. Desde os seus poemas até às autobiografias que publicou, Angelou expôs as suas vivências e traumas pessoais enquanto mulher negra, e trabalhou-os literariamente. Nos seus textos, refletiu sobre o poder das palavras, capazes de violentar aqueles a quem eram dirigidas, particularmente se se tratasse de palavras que perpetuassem formas de discriminação.

No que concerne à tentativa de subjugação das mulheres que sucedeu nos Estados Unidos na altura em que escrevia, Angelou defendia que estas deveriam adotar uma postura que contrastasse totalmente com a passividade que sempre lhes tinha sido associada, como afirma em “In All Ways A Woman”:

She must resist considering herself a lesser version of her male counterpart. She is not a sculptress, poetess, authoress, Jewess, Negress, or even (now rare) in university parlance a rectoress. If she is the thing, then for her own sense of self and for the education of the ill-informed she must insist with rectitude in being the thing and in being called the thing. A rose by any other name may smell as sweet, but a woman called by a devaluing name will only be weakened by the misnomer. (1993: 1)

Na visão de Angelou, parecia existir nos Estados Unidos de então um receio de utilizar a mesma palavra para descrever um homem e uma mulher, uma vez que não eram percecionados como iguais, com as mesmas capacidades ou direitos. Segundo Angelou, a tentativa constante de inferiorização das mulheres não podia continuar a ter lugar, e tornava-se imperativo que estas rompessem com o conformismo a que as habituara a sociedade patriarcal que as oprimia. De facto, o que sucedia de forma frequente era uma

subjugação das mulheres para que os homens fossem enaltecidos como superiores nas mais diversas categorias, desde a profissão à capacidade criativa, passando pela religião e pela raça, porque até pertencendo a uma mesma minoria, os homens estavam sempre numa posição de maior privilégio face àquela em que se encontravam as mulheres.

Adrienne Rich, por sua vez, escreveu a maior parte dos seus textos com a intenção de através deles problematizar a opressão de que sofriam as mulheres lésbicas, que a afetava em primeira pessoa. Rich refletia abertamente na sua poesia e ensaios sobre a sexualidade e a identidade. Era, também, uma defensora acérrima do ensino artístico nas escolas e do desenvolvimento da criatividade dos jovens, por acreditar que a arte tinha uma função ativa e uma responsabilidade política na desconstrução de preconceitos e de estereótipos que subsistiam na sociedade norte-americana dos anos 60, 70, 80 e até mesmo 90.

Além disso, Rich utilizava a sua literatura para apelar à aceitação de identidades não-normativas, questionando, sempre que tinha oportunidade, o paradigma patriarcal e homofóbico que dominava os Estados Unidos das décadas iniciais da segunda metade do século XX. A autora questionava também o movimento feminista norte-americano dos anos 60, 70 e início dos anos 80, uma vez que considerava que este feminismo era direcionado somente para a comunidade branca e heterossexual. Na sua visão, a segunda vaga do feminismo norte-americano não priorizava a luta contra as instâncias específicas de opressão que eram geradas pela interseção entre as categorias de género, raça e orientação sexual. No seguimento do questionamento que Rich fazia em volta dessa vaga feminista não-inclusiva, Giorgia Baseggio sublinha em *Adrienne Rich: Keywords For The Future*:

In the opening address Rich wrote in 1981 for the beginning of the Feminist Studies' class at the University of Minnesota, she argues that the next unavoidable step that feminist criticism must take – after having questioned patriarchal values and practice – is to challenge the universality of whiteness and heterosexuality. [...] Women, as victims of objectification in a patriarchal society, are driven to objectify other women who belong to a different race or with a different sexual orientation; in order to keep them separated and vulnerable, the first step is to turn them one against the other. [...] the only solution to create a resilient community is to recognize the racism and homophobia that women carry unconsciously within themselves and to consider feminism as a political and spiritual starting point from which people could move to examine – rather than hide – their own racism or homophobia. (2021: 36)

Fazendo referência aos tempos em que Rich era professora, Baseggio recorda a atitude que a ativista defendia e que deveria ser tomada relativamente ao feminismo: após questionar os valores patriarcais em que a sociedade estava assente, era necessário, de seguida, uma consciencialização e aceitação de que nem todas as mulheres eram brancas e heterossexuais. Assim, a única forma de garantir que a luta feminista era direcionada para todas as mulheres, independentemente da classe, raça ou orientação sexual, era reconhecer o racismo e a homofobia que eram intrínsecos na mentalidade norte-americana da época. Para isso, era necessário desconstruir o preconceito, uma vez que se a gravidade desta discriminação continuasse a ser desvalorizada, a violência específica praticada contra mulheres que pertenciam a mais do que a uma minoria continuaria a não ser reconhecida.

Para além de Angelou, Jordan e Rich, existiram diversas escritoras da mesma época que refletiram sobre a subjugação da mulher e o preconceito racial, e entre elas destaca-se Audre Lorde. A escritora problematizou na sua literatura a discriminação de raça, género, classe social e orientação sexual, expondo nos seus textos situações pessoais que considerava pertinentes para apelar à luta pelos direitos das mulheres negras lésbicas. Os seus ensaios teóricos reforçam a sua preocupação perante a inferiorização das minorias às quais pertencia, como melhor se entenderá no capítulo seguinte.

Capítulo 2 – Problematização do preconceito múltiplo de raça, género, classe e orientação sexual em ensaios selecionados de Audre Lorde

Ao longo da década de 1980, Audre Lorde problematizou nos seus textos teóricos a discriminação de raça, género, classe social e orientação sexual que subsistia nos Estados Unidos da América. Enquanto mulher afro-americana lésbica, a autora admitiu como ponto de partida para a maioria dos seus textos a sua própria identidade, expandindo, depois, a sua análise a diversos grupos minoritários. Em grande parte dos seus ensaios, Lorde retratava a realidade das afro-americanas homossexuais a partir da sua vivência pessoal, explicitando as condições adversas e particulares que este grupo de mulheres enfrentava, geradas pelo preconceito simultâneo de raça, de género e de orientação sexual.

Ainda que a interseção de categorias sociais e a discriminação múltipla que dela resultava tivesse sido problematizada por Audre Lorde nos seus textos teóricos durante os anos 80, a existência de esferas específicas de discriminação, resultantes da convergência dessas categorias, já tinha sido objeto de reflexão por parte de outras escritoras. Anna Julia Cooper, em 1893, no *World's Congress of Representative Women*, sublinhou, com pertinência, o progresso da luta pelos direitos das mulheres afro-americanas desde os tempos da escravatura e afirmou que a mulher negra sentia que a causa da sua condição era universal e uma só para todas as mulheres, independentemente da raça. Frances Beal, por sua vez, em 1969, publicou “Double Jeopardy: To Be Black and Female”, texto no qual problematiza as adversidades que as mulheres negras enfrentavam em diferentes áreas por sofrerem de um duplo preconceito, resultante da interseção do seu género e da sua raça. No que concerne ao contexto económico, Beal argumenta que as mulheres negras padeciam muito mais com a exploração económica e com o capitalismo do que os homens negros, uma vez que estes, ainda que ganhando menos do que os homens brancos, eram percecionados como superiores face às mulheres, dada a mentalidade patriarcal que dominava a América. No que diz respeito à reprodução, a escritora defende que o controlo de fertilidade a que se assistiu durante o início da segunda metade do século XX era maioritariamente direcionado para a mulher não-branca, já que os métodos de contraceção e a esterilização eram forçados às afro-americanas para impedir o aumento de população com características consideradas indesejáveis e inferiores. Além disso, Beal, como tantas outras ativistas que publicaram nos anos 60, reforça que os movimentos fundados com a finalidade de lutar pelos direitos

das mulheres não consideravam as mulheres negras e a forma de preconceito específica que as afetava devido ao *double jeopardy* do seu gênero e raça. Este conceito introduzido por Beal foi posteriormente desenvolvido por Deborah King, que apresentou em 1988 a ideia de *multiple jeopardy* ao considerar a forma de discriminação única originada pela interseção de raça, gênero e classe social. Em 1977, o *Combahee River Collective*, uma organização feminista negra, publicou *Combahee River Collective Statement*, um documento que problematiza a subjugação originada pela interseção de diversos sistemas opressores, como o sexismo, o racismo e a homofobia. Este texto foi de extrema importância para o movimento feminista negro, uma vez que as mulheres negras não se sentiam representadas nem pelo feminismo branco norte-americano, que não considerava mulheres não-brancas, nem pelo Movimento dos Direitos Civis dos afro-americanos, que não reconhecia a diferença entre o preconceito racial de que os homens eram alvo e, por seu turno, o duplo preconceito de raça e de gênero de que as mulheres eram vítimas.

Neste capítulo, focar-me-ei num conjunto de ensaios selecionados da autoria de Lorde publicados durante os anos 80, como são exemplo: “Age, Race, Class and Sex: Women Redefining Difference”, “The Master’s Tool Will Never Dismantle the Master’s House”, “Learning from the 60s” e “Eye to Eye: Black Women, Hatred, and Anger”, publicados em *Sister Outsider*, e “Turning the Beat Around: Lesbian Parenting 1986” e “I Am Your Sister: Black Women Organizing Across Sexualities”, retirados de *A Burst of Light and Other Essays*. Nestes textos, Audre Lorde teoriza acerca de raça, orientação sexual, classe social e gênero, bem como reflete também acerca do preconceito associado a cada uma destas categorias.

No ensaio “Age, Race, Class, and Sex: Women Redefining Difference”, apresentado pela primeira vez em abril de 1980 num colóquio em Amherst, Lorde discorre sobre o modo como os indivíduos que eram oprimidos e os indivíduos que oprimiam eram percecionados pela sociedade. No seguimento desta sua reflexão, a escritora tem como ponto de partida a premissa socialmente aceite, mas por si questionada, de que todas as pessoas que eram oprimidas tinham a responsabilidade de educar aquelas que as oprimiam. Estas, por sua vez, como Lorde afirma tão pertinentemente, eram desculpabilizadas pela sociedade norte-americana privilegiada da década de 80 da qual faziam parte, uma vez que todos aqueles que eram detentores de algum privilégio social eram incapazes de percecionar as diferenças humanas com normalidade e de adotar uma atitude de aceitação perante elas. Lorde reforça ao longo do ensaio esta rejeição institucionalizada da diferença por parte da sociedade de então e

relaciona-a com o lucro e a estabilidade do país, que se servia de forma desmedida de minorias que eram subjugadas, o que a escritora destaca:

Certainly there are very real differences between us of race, age, and sex. But it is not those differences between us that are separating us. It is rather our refusal to recognize those differences, and to examine the distortions which result from our misnaming them and their effects upon human behavior and expectation. [...] It is a lifetime pursuit for each one of us to extract these distortions from our living at the same time as we recognize, reclaim, and define those differences upon which they are imposed. For we have all been raised in a society where those distortions were endemic within our living. Too often, we pour the energy needed for recognizing and exploring difference into pretending those differences are insurmountable barriers, or that they do not exist at all. [...] Somewhere, on the edge of consciousness, there is what I call a *mythical norm*, which each one of us within our hearts knows "that is not me." In America, this norm is usually defined as white, thin, male, young, heterosexual, christian, and financially secure. It is with this mythical norm that the trappings of power reside within this society. Those of us who stand outside that power often identify one way in which we are different, and we assume that to be the primary cause of all oppression, forgetting other distortions around difference, some of which we ourselves may be practising. By and large within the women's movement today, white women focus upon their oppression as women and ignore differences of race, sexual preference, class, and age. There is a pretense to a homogeneity of experience covered by the word sisterhood that does not in fact exist. (2007: 115-116)

Embora existissem diferenças de raça, género, idade, classe social e orientação sexual, não era devido a essas diferenças que a discriminação se fazia sentir. De acordo com Lorde, o que motivava a incompreensão e a segregação entre indivíduos era a recusa em reconhecer e aceitar essas diferenças. Estas eram perspectivadas pela sociedade de duas formas opostas: ou encarando-as como barreiras intransponíveis e que impossibilitavam uma relação de empatia, ou como não existindo de todo. Quando os indivíduos perspectivavam as diferenças entre si como um fator que impossibilitava as relações interpessoais, o que sucedia frequentemente na época, assistia-se a uma separação vinculativa entre pessoas que pertenciam a diferentes categorias sociais, e isto constituía o que autora apelidava de *mythical norm*.

Nos anos 80, a norma passava pelo estereótipo de homem norte-americano branco, jovem, heterossexual, cristão, que possuía estabilidade financeira, e esta figura normativa, na qual se concentrava o poder social, oprimia recorrentemente quem não se enquadrava nesse estereótipo. Contudo, Lorde ressalva também que os indivíduos que não pertenciam à norma referida acabavam por incorrer no erro de não refletirem acerca de possíveis preconceitos que eles próprios poderiam ter face a outras minorias. De forma a explicitar este género de situações, a autora invoca o exemplo do movimento feminista norte-americano, que era maioritariamente composto por mulheres brancas que problematizavam somente a inferiorização de género na luta feminista. A supressão das categorias raça, orientação sexual e classe social resultava numa abordagem debaixo de uma visão redutora da realidade de ser uma mulher nos Estados Unidos da segunda metade do século XX. Esta experiência homogénea e universal que estas mulheres tentavam transmitir de ser mulher na América não existia, uma vez que as mulheres negras eram percecionadas como o Outro, facto para o qual Lorde tão eloquentemente nos alerta:

As white women ignore their built-in privilege of whiteness and define woman in terms of their own experience alone, then women of Color become 'other', the outsider whose experience and tradition is too 'alien' to comprehend. (*ibidem*: 117)

Lorde expõe, assim, que esta atitude adotada pelas mulheres brancas de ignorar os privilégios que lhes eram conferidos de forma inerente pela sua raça resultava na marginalização das mulheres negras. De facto, a segregação racial era visível na ausência notória de literatura escrita por mulheres negras. Esta lacuna era muitas vezes justificada pelas mulheres brancas pela dificuldade que afirmavam sentir quando tentavam entender textos da autoria de mulheres negras. Por invocarem a experiência da mulher afro-americana num contexto simultaneamente patriarcal e racista, estes textos eram percecionados pelas mulheres brancas como demasiado complexos. Porém, Lorde contesta esta explicação de forma exímia, a meu ver, ao referir o cânone literário norte-americano da época, composto na sua maioria por homens, que as mulheres brancas presentes no mundo académico compreendiam, valorizavam e ensinavam. A escritora afirma que um dos motivos pelos quais as mulheres brancas se mostravam tão resistentes em entender a literatura escrita por mulheres afro-americanas era porque aquelas necessitavam de reconhecer e aceitar as mulheres negras lado a lado consigo,

abandonando os estereótipos que associavam a estas. A imagem estereotipada e pejorativa que as mulheres brancas associavam às afro-americanas surgiu como consequência do preconceito racial que aquelas demonstravam ter e que as fez posicionar-se ao lado dos indivíduos privilegiados que oprimiam as mulheres afro-americanas, no que considero ter sido uma tentativa de deter algum poder numa sociedade norte-americana misógina e racista.

Lorde teorizou também acerca do modo como dentro da própria comunidade negra se perspectivava a discriminação de género, raça e orientação sexual. Uma vez que a luta contra o preconceito racial era travada tanto por mulheres como por homens negros, o que sucedia era uma constante negligência por parte das mulheres negras em relação ao duplo preconceito de género e de raça que as afetava. No que diz respeito à orientação sexual, Lorde aponta, por exemplo, que existia uma intolerância por parte das mulheres negras heterossexuais face às homossexuais dentro da comunidade afro-americana, o que a escritora destaca no seu ensaio:

[...] there are particular resonances of heterosexism and homophobia among Black women. Despite the fact that woman-bonding has a long and honorable history in the African and Africanamerican communities, and despite the knowledge and accomplishments of many strong and creative women-identified Black women in the political, social and cultural fields, heterosexual Black women often tend to ignore or discount the existence and work of Black lesbians. Part of this attitude has come from an understandable terror of Black male attack within the close confines of Black society, where the punishment for any female self-assertion is still to be accused of being a lesbian and therefore unworthy of the attention or support of the scarce Black male. But part of this need to misname and ignore Black lesbians comes from a very real fear that openly women-identified Black women who are no longer dependent upon men for their self-definition may well reorder our whole concept of social relationships. Black women who once insisted that lesbianism was a white woman's problem now insist that Black lesbians are a threat to Black nationhood, are consorting with the enemy, are basically un-Black. (*ibidem*: 121-122)

Ainda que, como Lorde referiu, existisse uma longa história de respeito e apoio que caracterizava as comunidades africana e afro-americana, as mulheres negras lésbicas na segunda metade do século XX eram encaradas como uma ameaça à nação afro-

americana por assumirem a sua identidade e desafiarem o modelo de orientação sexual normativo.

Em 1979, Audre Lorde apresentou “The Master’s Tools Will Never Dismantle the Master’s House” na conferência *Second Sex* em Nova Iorque, iniciando a sua reflexão com a premissa de que qualquer discussão feminista acerca do pessoal e do político era enfraquecida caso a diferença de raça, sexualidade, classe social e idade não fosse considerada.

No seguimento desse argumento, a autora admite que reprovou o facto de a conferência na qual estava a participar não ter, em nenhum dos painéis, textos referentes à experiência pessoal e política de lésbicas e de mulheres de países do Terceiro Mundo, por exemplo. Além disso, a escritora reforça a sua indignação face ao facto de as únicas duas mulheres negras participantes na conferência terem sido convidadas pouco antes do início do evento. Na sua visão, isto demonstrou negligência por parte da organização da convenção, que tinha agido como se as mulheres negras e lésbicas nada tivessem a dizer acerca da teoria feminista, da misoginia, do poder da heterossexualidade e do silenciamento das mulheres sobre questões como o erotismo e o existencialismo. Ainda que a conferência almejasse dar voz à mulher e à sua experiência na América, as mulheres afro-americanas e as mulheres lésbicas foram, na sua maioria, excluídas do evento, o que, a meu ver, compactuou com a marginalização que sucedia no movimento feminista da época, que não englobava todas as mulheres, mas sim apenas as que não pertenciam a qualquer outra minoria que não fosse a de género. Lorde critica também a falta de inclusão e diversidade no que diz respeito a movimentos sociais criados em prole dos direitos de minorias, o que reforça no seu texto:

Those of us who stand outside the circle of this society's definition of acceptable women; those of us who have been forged in the crucibles of difference - those of us who are poor, who are lesbians, who are Black, who are older - know that survival is not an academic skill. It is learning how to stand alone, unpopular and sometimes reviled, and how to make common cause with those others identified as outside the structures in order to define and seek a world in which we can all flourish. It is learning how to take our differences and make them strengths. *For the master's tools will never dismantle the master's house.* They may allow us temporarily to beat him at his own game, but they will never enable us to bring about genuine change. And this fact is only threatening to those women who still define the master's house as their only source of support. (*ibidem*: 112)

Lorde enumera, assim, exemplos de mulheres que pertenciam a grupos minoritários e que não se enquadravam na imagem idealizada da mulher norte-americana branca de classe média ou alta. A escritora expressa também que acredita que se estas mulheres que eram discriminadas pela sua raça, orientação sexual e classe social optassem por, em conjunto, defender os seus direitos e expor o preconceito que ditava a sua inferioridade na sociedade, poderiam instaurar mudanças no paradigma norte-americano e tornar as suas características, previamente percebidas como negativas e inferiores, em atributos que as fortalecessem e diferenciasssem positivamente. A invocação, por parte de Lorde, da sua identidade e da sua experiência pessoal, aliada ao paradigma político dos Estados Unidos das décadas de 1970 e 1980, foi reveladora da sua tentativa de, através dos seus textos, se identificar como o Outro, parte integrante de um grupo minoritário e marginalizado, e comprovou a sua recusa da oposição binária entre o pessoal e o político.

Lorde ansiava englobar na teoria feminista todas as mulheres, independentemente das categorias de raça, classe social e orientação sexual a que pertenciam. No que concerne a esta vontade da autora, Lester C. Olson, no artigo “The Personal, the Political, and Others: Audre Lorde Denouncing ‘The Second Sex Conference’” argumenta que Audre Lorde desafiou as feministas reformistas a tornarem-se feministas radicais. Segundo Olsen, a abordagem reformista feminista demonstrava uma enorme dependência do privilégio e, por essa razão, iria inevitavelmente falhar enquanto movimento social, o que a escritora sublinha no seu texto:

Because Lorde’s speech risked alienating her audiences and offending potential supporters, it exemplifies a diatribe, which, instead of repudiating adversaries, expresses anger among peers (Windt 1972, 2). Judging from the speech’s content, Lorde had several interconnected objectives – above all, to challenge reformist feminists to become radical feminists. To Lorde, this change required putting an end to complicity in the symbolic and economic oppression of others (on complicity, Mathison, McPhail, and Strine 1997). In addition, Lorde sought to raise consciousness among feminists about how practices of exclusion, absence, invisibility, silence, and tokenism within feminist theory weakened and discredited it. She endeavoured to transform relational practices among women by demanding that equality be practiced among all social groups. (2000: 261)

De facto, o discurso de Audre Lorde em “The Master’s Tools Will Never Dismantle the Master’s House” não era dirigido aos indivíduos que oprimiam outros, mas

sim a todas as mulheres que eram inferiorizadas pelo sistema patriarcal vigente. Ainda que os movimentos sociais criados para servir a luta pelos direitos das mulheres se impusessem cada vez mais na sociedade norte-americana, a opressão agravada das mulheres que pertenciam a mais do que uma minoria não era considerada pelo feminismo branco.

Na perspectiva de Lorde, era necessário que passasse a existir um movimento feminista mais inclusivo, onde não existisse espaço para a subjugação ou silenciamento de nenhuma mulher, para que o patriarcado deixasse de dominar os Estados Unidos. Fazendo referência ao título do seu texto teórico, a escritora reiterou ainda que não era possível retirar de uma posição dominante aqueles que construíram a sociedade norte-americana tal como ela era, assente no preconceito racial, de classe e de género.

Em 1982, Audre Lorde apresentou “Learning from the 60s” na Universidade de Harvard, no *Malcolm X Weekend*. Tendo deixado evidente no início da sua comunicação a influência que Malcolm X teve nesta reflexão, a autora destaca o pensamento do ativista no que diz respeito às marcas que a opressão racial tinha deixado na comunidade afro-americana. De facto, o trauma originado pelo preconceito racial provocou um conflito entre as pessoas negras ao invés de um confronto com a sociedade branca que as oprimia. Enquanto a relação entre afro-americanos mostrava estar cada vez mais hostil, a comunidade norte-americana branca assumia o papel passivo de espectador, como Lorde dilucida:

In the 60s, white america – racist and liberal alike – was more than pleased to sit back as spectator while Black militant fought Black Muslim, Black Nationalist badmouthed the non-violent, and Black women were told that our only useful position in the Black Power movement was prone. The existence of Black lesbian and gay people was not even allowed to cross the public consciousness of Black America. We know in the 1980s, from documents gained through the Freedom of Information Act, that the FBI and CIA used our intolerance of different to foment confusion and tragedy in segment after segment of Black communities of the 60s. (2007: 137)

A agressividade que se observava dentro da comunidade negra era particularmente notória perante homossexuais, que eram, como a autora explicita, marginalizados e rejeitados pelo coletivo. Para além disso, a tensão originada pelas marcas da segregação racial que dominava a América era continuamente instigada por organizações

governamentais como o FBI e a CIA, que, durante a década de 1980, faziam uso da intolerância à diferença, que tinha sido incutida na comunidade afro-americana, para nela fomentar ainda mais discórdia.

Num apelo nítido à ação da comunidade afro-americana, Lorde declara que nenhuma pessoa negra confrontada com a morte de figuras como Malcolm X e Martin Luther King Jr. poderia ficar indiferente, esperando passivamente o aparecimento de um novo líder da luta pelos direitos dos afro-americanos. A autora incita, deste modo, os afro-americanos a desempenhar um papel ativo nos movimentos sociais que visavam acabar com a discriminação racial, alertando-os para o facto de que se continuassem a optar pela passividade, o preconceito perduraria e a comunidade negra continuaria a ser brutalizada.

Na parte final de “Learning from the 60s”, a autora refere que durante a década de 1960 foi continuamente pressionada a justificar tanto a sua existência como o seu trabalho por ser uma mulher lésbica e pela sua posição política. Estes fatores da sua identidade, ainda que estivessem presentes nos seus textos, apenas causavam esse questionamento por se tratar de categorias minoritárias que defendia afincadamente, apesar de ter sido desde sempre compelida a expressar somente uma parte da sua identidade no mundo académico ao qual pertencia.

Em 1983 foi publicada no volume catorze da revista literária *Essence* uma versão abreviada do ensaio “Eye to Eye: Black Women, Hatred, and Anger”. A principal premissa introduzida nesse ensaio por Lorde consistia na crença de que as mulheres negras viviam a sua vida na América com uma raiva que nem sempre expressavam, tendo este tema sido já desenvolvido primeiramente em “Learning from the 60s”.

No artigo “The Verb Is No: Towards a Grammar of Black Women’s Anger”, Therí A. Pickens recorre ao ensaio teórico de Lorde com o intuito de perceber a origem da raiva sentida pela comunidade de mulheres afro-americanas, e clarifica:

In Lorde’s essay, anger between women refers to both the anger directed at a shared aggressor and the anger directed at each other; she understands them as intertwined since they not only provoke dismissal, but also exacerbate the wounds created by living in a hostile environment. [...] Building community carries its own difficulties but, in the case of Black women who carry the historical, cultural, and social weight of being constructed out of horror and hatred, Lorde locates this difficulty in the ‘harshness that exists so often within the least encounter between Black women, the judgment and the sizing up, that cruel refusal to connect’ (159). In her essay, Lorde traces this anger from the hatred of

interracial encounter to the vulnerability of intra-racial expectation. The latter becomes more charged because of the mutual exposure to ‘the tangle of unexplored needs and furies that face any two Black women who seek to engage each other directly, emotionally, no matter what the context of their relationship may be’ (163). (2016: 25)

De acordo com a interpretação de Pickens, que considero relevante, a raiva que Lorde mencionava era referente tanto à ira que as mulheres, em conjunto, direcionavam aos indivíduos machistas que as oprimiam, como também à agressividade que demonstravam umas perante as outras e que não permitia a união entre mulheres e, por consequência, impedia o feminismo inter-racial pelo qual as ativistas afro-americanas lutavam. Para as mulheres negras, ultrapassar esta hostilidade e construir uma comunidade inter-racial coesa era particularmente difícil, uma vez que carregavam o peso do seu sofrimento e o dos seus antepassados, causado pela subjugação que as vitimou devido à sua raça e ao seu género⁵.

Tendo como ponto de partida a sua experiência pessoal, Lorde afirmava ser desde criança dominada pela ira que ela própria aborda no texto. Aliada à raiva, a escritora sentia também uma culpa que era exacerbada pela associação constante que a sua mãe fazia entre a sua cor e a maldade que lhe apontava, o que recorda no seu ensaio:

My light-skinned mother kept me alive within an environment where my life was not a high priority. She used whatever methods she had at hand, few as they were. She never talked about color. My mother was a very brave woman, born in the West Indies, unprepared for america. And she disarmed me with her silences. Somewhere I knew it was a lie that nobody else noticed color. Me, darker than my two sisters. My father, darkest of all. I was always jealous of my sisters because my mother thought they were

⁵ Como Therí Pickens refere, em “Eye to Eye: Black Women, Hatred, and Anger” Lorde não só aborda a relação entre mulheres de diferentes raças, como também reflete acerca da vulnerabilidade que caracterizava a relação entre duas mulheres da mesma raça dada a raiva que sentiam e que, muitas vezes, projetavam na sua própria comunidade. De facto, a conexão entre mulheres não foi apenas explorada neste ensaio, uma vez que constitui um tema transversal a toda a literatura escrita por Lorde. Além disso, a problematização das relações entre mulheres inter-raciais estava presente sempre que a autora manifestava a sua posição política e social no que concerne ao movimento feminista, que, até então, questionava por considerar que se tratava de um feminismo exclusivamente branco.

such good girls, whereas I was bad, always in trouble. "Full of the devil," she used to say. [...] They were goodlooking, I was dark. Bad, mischievous, a born troublemaker if ever there was one. Did *bad* mean *Black*? [...] My mother taught me to survive from a very early age by her own example. Her silences also taught me isolation, fury, mistrust, self-rejection, and sadness. [...] My mother bore me into life as if etching an angry message into marble. Yet I survived the hatred around me because my mother made me know, by oblique reference, that no matter what went on at home, outside shouldn't oughta be the way it was. But since it was that way outside, I moved in a fen of unexplained anger that encircled me and spilled out against whomever was closest that shared those hated selves. Of course I did not realize it at the time. That anger lay like a pool of acid deep inside me, and whenever I felt deeply, I felt it, attaching itself in the strangest places. Upon those as powerless as I. [...] What other creature in the world besides the Black woman has had to build the knowledge of so much hatred into her survival and keep going? (2007: 149-150)

A escritora admite, deste modo, que se apercebeu da discriminação racial dentro da sua própria casa antes de a reconhecer na sociedade que a rodeava, uma vez que, segundo a sua mãe, Lorde representava tudo o que era negativo, como se *bad* e *black* fossem sinónimos. A relação conturbada com a mãe fez com que Lorde se deixasse consumir pela raiva que lhe era direcionada diariamente sob a forma de inferiorização, o que fez com que projetasse essa ira na sua própria comunidade e naqueles que, tal como ela, faziam parte de grupos minoritários. A escritora faz também uma distinção entre raiva e ódio, desde logo anunciada no título do ensaio e necessária para a sua compreensão: a raiva, que usava para confrontar a discriminação, não era necessariamente destruidora, mas o ódio, por sua vez, dominava as pessoas e toldava-lhes o pensamento de tal forma que a luta pela igualdade de direitos deixava de estar no centro para dar lugar ao desejo de vingança. Ainda assim, Lorde clarificou que a raiva, mesmo sendo mais útil e menos perigosa do que o ódio, não contribuía para a criação de um futuro justo e equitativo, que foi sempre o que ela procurou. O conflito interior que surge por ter de aceitar essa raiva e, simultaneamente, querer rejeitá-la juntamente com o preconceito racial é um dos temas que mais se sobrepõe na literatura de Audre Lorde.

Em "Turning the Beat Around: Lesbian Parenting 1986", redigido em 1986, Lorde direciona a sua reflexão para a experiência de educar um filho nos anos 80 num contexto patriarcal, racista e homofóbico, enquanto mulher, negra e lésbica. A escritora define os

Estados Unidos da época como um país que desvalorizava qualquer indivíduo que não fosse branco e heterossexual, o que sublinha no seu texto:

We are Lesbians and Gays of Color surviving in a country that defines human—when it concerns itself with the question at all—as straight and white. We are Gays and Lesbians of Color at a time in that country’s history when its domestic and international policies, as well as its posture toward those developing nations with which we share heritage, are so reactionary that self-preservation demands we involve ourselves actively in those policies and postures. And we must have some input and effect upon those policies if we are ever to take a responsible place within the international community of peoples of Color, a human community which includes two-thirds of the world’s population. It is a time when the increase in conservatism upon every front affecting our lives as people of Color is oppressively obvious, from the recent appointment of a Supreme Court Chief Justice in flagrant disregard of his history of racial intolerance, to the largely unprotested rise in racial stereotypes and demeaning images saturating our popular media—radio, television, videos, movies, music. (2017: 29)

Como Lorde tão pertinentemente evidencia, na época, a imagem estereotipada dos indivíduos afro-americanos era difundida pela televisão, pela rádio e pela arte musical e cinematográfica, que perpetuava assim a segregação racial sobre a qual a cultura norte-americana foi sendo construída. No que diz respeito aos homens homossexuais negros, a discriminação de que eram alvo resultava da interseção das categorias raça e orientação sexual. Se a essas minorias se juntasse o grupo minoritário de género, isto é, se se considerasse o caso específico de mulheres negras homossexuais, a desumanização era ainda mais vincada. A ausência de movimentos sociais que defendessem os direitos deste grupo específico de mulheres foi uma das lacunas apontadas por Lorde à sociedade norte-americana da segunda metade do século XX que acentuou ainda mais a já existente divisão entre o homem norte-americano heterossexual, que representava o indivíduo ideal, e a mulher afro-americana lésbica, que simbolizava o Outro.

Atendendo ao preconceito que dominava a sociedade norte-americana e contra o qual Lorde sempre se manifestou, um dos tópicos que explora em “Turning the Beat Around: Lesbian Parenting 1986” é o modo como a educação de uma criança podia contribuir para a mudança social e para um futuro onde a equidade predominasse. Na sua perspetiva, as futuras gerações poderiam dar continuidade ao legado dos movimentos sociais que já existiam nos anos 60, 70 e 80, tornando-os mais inclusivos, o que resultaria

num momento social, cultural e político norte-americano no qual o racismo, o sexismo e a homofobia não imperassem. Refletindo acerca da sua própria experiência enquanto mãe negra e lésbica que, em conjunto com uma mulher branca, educou dois filhos afro-americanos, Lorde garante que uma das suas maiores preocupações passava por ser capaz de lidar com a sua raiva de uma forma saudável e construtiva, de forma a transmitir um bom exemplo aos filhos. A ira sentida pelas mulheres negras era descrita por Lorde como “the rage of Black survival within the daily trivializations of white racism” (*ibidem*: 31).

Em 1985, Audre Lorde publicou “I Am Your Sister: Black Women Organizing Across Sexualities”, um texto adaptado de um discurso que deu na *Women’s Center of Medgar Evers College* em Nova Iorque. Neste ensaio teórico, a autora dirige-se a todas as mulheres negras com a finalidade de as lembrar da importância de aceitarem as características que as distinguiam e de se reconhecerem como companheiras de uma mesma luta: o feminismo negro. De acordo com Lorde, o grande obstáculo que impedia a união das mulheres afro-americanas era a homofobia. Na sua visão, o movimento feminista não podia ser construído tendo por base a rejeição da interseção de categorias sociais que sucedem na identidade de um indivíduo, mas sim a aceitação dessas categorias. No seguimento deste argumento, a autora reflete acerca da sua própria identidade:

When I say I am a Black feminist, I mean I recognize that my power as well as my primary oppressions come as a result of my Blackness as well as my womanness, and therefore my struggles on both of these fronts are inseparable. (*ibidem*: 17)

Ao reconhecer a indissociabilidade da sua raça e do seu género, e o modo como a interseção das duas categorias origina uma esfera de opressão específica, Lorde estava a explicar o que, quatro anos mais tarde, Kimberlé Crenshaw apelidava de “interseccionalidade”.

Audre Lorde problematizou ainda a discriminação que existia perante a homossexualidade das mulheres negras. A escritora evocou também os estereótipos que eram associados às lésbicas dentro da comunidade afro-americana, referindo as ideias preconcebidas de que estas mulheres eram apolíticas, que constituíam uma ameaça ao modelo idealizado da família negra e que atacavam outras mulheres na rua dado o comportamento promíscuo que lhes era apontado. A atitude adotada pela autora perante estas acusações foi lembrar a essas mulheres que a homofobia interiorizada e os

estereótipos que difundiam eram um problema no qual elas mesmas tinham de trabalhar com a finalidade de desconstruir o preconceito que tinham relativamente às mulheres negras homossexuais⁶. Numa tentativa de desmistificar o pensamento redutor de que as afro-americanas homossexuais não eram interventivas em movimentos políticos e sociais que defendiam a comunidade negra, Lorde recorda momentos em que assumiu um papel ativo na luta pelos direitos da comunidade afro-americana e, mais especificamente, os das mulheres, relembrando que em todos esses períodos era uma mulher negra lésbica que lutava por causas sociais. A escritora tenta apelar às mulheres negras heterossexuais que não sintam repulsa pelas afro-americanas lésbicas, e que, ao invés disso, se unam para que a luta coletiva do feminismo negro se torne realidade.

Para além de problematizar a discriminação de género, raça e orientação sexual nos seus ensaios teóricos, Audre Lorde também teorizou acerca deste preconceito noutros

⁶ Em 1993, numa entrevista concedida ao jornalista Charlie Rose, a escritora Toni Morrison defende uma premissa semelhante à que Lorde aqui apresenta, referindo que a discriminação racial era um problema das pessoas brancas que praticavam o racismo, e não um problema dos afro-americanos. Morrison afirma perante Rose: “Don’t you understand that the people who do this thing, who practice racism, are bereft? There is something distorted about the psyche. [...] It’s a profound neurosis that nobody examines for what it is”. Breves momentos antes do final da entrevista, a escritora vai mais longe e garante: “If you can only be tall because someone’s on their knees, then you have a serious problem. And my feeling is white people have a very, very serious problem”. Neste sentido, Morrison sublinha que o preconceito demonstrado pelos indivíduos que oprimiam a comunidade negra era algo que estava enraizado na mente daqueles, e que a desconstrução da imagem estereotipada e preconceituosa que as pessoas brancas tinham dos afro-americanos teria de ser feita por aquelas.

textos da sua autoria, como *Zami: A New Spelling of My Name*⁷. Nesta biomitografia, Lorde retratou a sua jornada, desde a infância até à vida adulta, e a formação da sua identidade enquanto mulher e escritora negra lésbica, temas que serão desenvolvidos no capítulo que se segue.

⁷ No seguimento da problematização da opressão gerada pela interseção de diversas categorias sociais que Audre Lorde faz nos seus textos, Maya Thomas, no artigo “Audre Lorde: Unpacking Intersectionality and Oppression in Feminism”, publicado em 2022, menciona muito pertinentemente que Lorde cria relações com mulheres com identidades e experiências tão distintas das suas porque reconhece a existência de uma conexão entre todas as mulheres pela sua condição. Neste sentido, Thomas defende que Lorde apelava a todas as mulheres que falassem da opressão de que eram vítimas ao invés de optarem pelo silêncio, uma vez que este impedia qualquer possibilidade de progresso no que diz respeito à luta contra a discriminação. A autora reforça que Lorde incentivava mulheres que se encontravam em posições privilegiadas a insurgir-se contra o preconceito múltiplo de raça, género, classe social e orientação sexual de que muitas mulheres eram alvo: “Spaces that include only White, upper class, heterosexual voices, are not truly having the necessary conversations toward female liberation. These women must use these spaces to learn how they can use their privilege and power in ways that disrupt the patriarchy.” (19)

Capítulo 3 – *Zami: A New Spelling of My Name*

3.1. A definição de biomitografia e a rutura com a tradição literária norte-americana da segunda metade do século XX

Audre Lorde publicou *Zami: A New Spelling of My Name* em 1982, apelidando o texto de biomitografia, termo que a escritora utiliza para referir uma narrativa que incorpora mito, história e biografia. A narrativa acompanha a jornada pessoal e artística de Lorde desde a sua infância ao início da vida adulta e é através de um registo autobiográfico que a escritora recria, na primeira pessoa, experiências e vivências que marcaram a sua vida. As memórias invocadas por Lorde em *Zami* encontram-se, dentro do próprio texto, articuladas com histórias e vozes de outras mulheres com quem a escritora se relacionou. Foi, sem dúvida, com um estilo de escrita singular e demarcado do que existia até então que Lorde estabeleceu uma articulação entre a pluralidade de narrativas de mulheres de diferentes gerações com quem contactou e a multiplicidade de géneros textuais.

De facto, a fusão de vários géneros textuais numa só narrativa originou a biomitografia que desafiou a tradição e o cânone literários norte-americanos ao recusar a forma textual tradicional e a linha spatiotemporal fixa e, de acordo com Rosamund Marie Lewis em *Biomythographical Tradition and Resistant Subjectivities in Audre Lorde's Zami: A New Spelling of My Name*, esta rutura de Audre Lorde com a tradição literária norte-americana da segunda metade do século XX foi pensada:

In creating a genre of biomythography that hybridises literary forms, Audre Lorde deliberately obfuscates what traditional biography would anchor in a fixed spatial-temporal reality or in a literary space that has excluded black/lesbian subjectivities and social relations. Doreen Massey refers to the interrelated connection of “space, place and gender” as a “dynamic simultaneity,” “a configuration of social relations ... imbued with power and meaning and symbolism” (Massey, 1994, p.3). If these social relationships have so far been determined by a canon of literature that neither recognises nor represents black/lesbian subjectivities, then Lorde’s adoption of “dynamic simultaneity” in the form of biomythography is – I would argue – politically as well as aesthetically determined. *Zami* owes its coherence to the author’s execution of a gendered language that prioritises the experiential in order to articulate polyvocal conversations, internalised utterances, poetic meditations, politicised commentary and reflective analysis. Lorde’s prose is

dialogical and intertextual; her multiple narrators defy any sense of temporal order. That is to say, by the very successive and sometimes simultaneous interjection of multiple subjectivities, conventional understandings of singular linear progression are disrupted. (2016: 28)

Como muito pertinentemente Marie Lewis sublinha, Lorde questionou através de *Zami* a normatividade que singularizava o cânone literário norte-americano, no qual a representatividade lésbica e negra não tinha lugar. Visando a contestação do contexto político, social e cultural que dominava os Estados Unidos de então, a escritora apresenta-nos uma narrativa inovadora onde, para além de um registo autobiográfico, introduz diversas identidades, fundindo a sua história pessoal com a das mulheres que foi encontrando ao longo da sua vida e que a moldaram enquanto pessoa e escritora.

Durante a jornada de autodescoberta que descreve em *Zami*, para a qual muito contribuíram as mulheres com que se envolveu, Lorde assume estar numa procura permanente pelo sentido de *home*, sendo este um tema central na sua biografia. A escritora demonstra na narrativa a preocupação e a necessidade em encontrar um local ou uma pessoa que lhe providenciasse um sentimento de aceitação plena e que ela pudesse considerar *home*. Num momento inicial do texto, Lorde atribui a *home* um significado físico e material, que tenta encontrar nas mulheres com quem se cruza e nos sítios que visita na sua jornada. Contudo, é somente após várias relações amorosas e um percurso de desenvolvimento pessoal que a escritora entende que, para si, *home* significa saber quem realmente é e conhecer a sua identidade enquanto mulher e escritora⁸.

3.2. A infância de Audre Lorde: do racismo dos anos 30 e 40 ao fascínio pela arte de contar histórias

No texto que antecede o prólogo de *Zami: A New Spelling of My Name*, Audre Lorde garante-nos que as relações que construiu com outras mulheres influenciaram toda

⁸ O subcapítulo 3.3. deste trabalho elucidará acerca da procura de Lorde pelo sentido de *home* e do significado que a escritora atribui a *home* no final da sua jornada de autodescoberta que recria em *Zami*.

a sua jornada pessoal e literária, afirmando no início do texto “It is the images of women, kind and cruel, that lead me home”⁹.

No prólogo da biomitografia, Lorde admite que sempre desejou ser capaz de ser homem e ser mulher ao mesmo tempo para possuir as melhores características do seu pai e da sua mãe. Após um breve parágrafo em que fantasia sobre como seria quebrar a barreira entre os dois gêneros e ascender a um patamar que fosse além da dualidade entre ser mulher e ser homem, a autora afirma-se como uma representação e incorporação de gerações de outras mulheres que a antecederam e que lhe transmitiram a sabedoria e a complexidade que associa ao seu gênero, o que sublinha ao iniciar *Zami*:

I have always wanted to be both man and woman, to incorporate the strongest and richest parts of my mother and father within/ into me [...] I would like to enter a woman the way any man can, and to be entered – to leave and to be left [...] Woman forever. My body, a living representation of other life older longer wiser. The mountains and valleys, trees, rocks. Sand and flowers and water and stone. Made in earth. (Z. p. 5)

Lorde inicia a narrativa com uma revisitação à sua infância e relembra os seus pais, Linda e Byron, que abandonaram o seu país e rumaram aos Estados Unidos antes de a escritora nascer. O pai não gostava de falar da terra que tinha deixado para ir para a América do Norte, mas a mãe, contrariamente, relembrava com frequência Carriacou, a ilha da sua família, e fazia questão de a descrever através das suas memórias às filhas Audre, Helen e Phyllis¹⁰. Todavia, ainda que se esforçasse para se adaptar à cultura e aos hábitos norte-americanos, Linda sentia-se num país estranho que não considerava ser a sua casa. Contrariamente a Byron, que pretendia iniciar uma nova vida num país que queria considerar como seu, Linda sabia que a sua casa não era ali, mas sim em Carriacou. Este lugar era apelidado de *home* por Lorde, que o descrevia como um paraíso privado,

⁹ Lorde, Audre. *Zami: A New Spelling of My Name*. Penguin Classics, 2018, p. 1. Posteriores referências à biomitografia serão integradas no texto seguidas da abreviatura e da respetiva página.

¹⁰ Torna-se relevante mencionar que Lorde tem ascendência do Caribe e que a sua associação a Carriacou à *home* que procura advém também desta parte da sua identidade. Este traço identitário é tido em consideração por muitos críticos que dedicam o seu trabalho ao estudo da literatura escrita por Audre Lorde e que analisam o uso que a escritora faz da mitologia e das imagens diaspóricas africanas nos seus textos.

ainda que, por vezes, questionasse a existência deste local por não conseguir situá-lo nos mapas que consultava, o que a fazia duvidar das palavras da sua mãe.

Ainda durante a sua infância, no final dos anos 30, Lorde e a sua família residiam em Harlem, que era, na época, uma zona onde existia uma tensão constante causada pelo preconceito racial. A autora recorda esses anos, durante os quais se viveu a Grande Depressão nos Estados Unidos, como particularmente confusos e difíceis para a comunidade afro-americana. Para ela, nas décadas de 1930 e 1940, o racismo era um ato discriminatório demasiado complexo para que o conseguisse entender em tão tenra idade. Para além disso, Lorde e as suas duas irmãs sempre foram encorajadas pelos seus pais a acreditar que os ataques preconceituosos de que eram alvo em nada se relacionavam com a sua raça e que seriam certamente motivados por outro fator que desconheciam, aspeto que a escritora destaca em *Zami*:

American racism was a new and crushing reality that my parents had to deal with every day of their lives once they came to this country. They handled it as a private woe. My mother and father believed that they could best protect their children from the realities of race in america and the fact of american racism by never giving them name, much less discussing their nature. We were told we must never trust white people, but *why* was never explained, nor the nature of their ill will. Like so many other vital pieces of information in my childhood, I was supposed to know without being told. (Z. p. 78)

De facto, e ainda que estivessem cientes da discriminação racial que predominava nos Estados Unidos nos anos 30, 40 e 50, os pais de Lorde optaram sempre por não reconhecer perante as filhas o preconceito racial de que eram vítimas, o que demonstra a sua dificuldade em se confrontar com a realidade do racismo. A escritora recorda que foi com a mudança para Washington Heights que começou a entender que o preconceito racial estava na base dos atos discriminatórios que lhe eram dirigidos, como nos demonstra ao referir o episódio em que o senhorio da casa em Washington Heights para a qual Lorde e a sua família se tinham mudado se suicida, consumido pela vergonha e pela culpa que sentia por ter arrendado a casa a uma família negra. Pelo seu lado, a escritora, que tinha começado a frequentar uma nova escola católica naquela zona, afirma que tanto os alunos como as freiras da escola, assim que souberam do sucedido, dirigiram-lhe comentários preconceituosos com os quais Lorde não estava preparada para lidar, afirmando que “their racism was unadorned, unexcused, and particularly painful because

I was unprepared for it” (Z. p. 67). O racismo tornou-se cada vez mais evidente para Lorde e para as suas irmãs à medida que foram crescendo, e a ira que Lorde sentia perante as atitudes discriminatórias era intensificada pela abordagem adotada pelos seus pais para lidar com o preconceito racial.

Apesar de a mudança para Washington Heights ter ficado marcada pelo racismo que se vivia nos Estados Unidos durante os anos 30 e 40, Lorde relembra-nos que foi nessa época que surgiu o seu fascínio pela arte de contar histórias. A autora recorda um episódio em que estava inquieta numa biblioteca pública com a sua mãe. Atenta à situação, uma bibliotecária contou-lhe uma história, na tentativa de a acalmar. Lorde, em *Zami*, admite ter percebido nesse momento que gostaria de aprender a ler para que pudesse um dia criar as suas próprias histórias. Enquanto não o conseguia fazer, Lorde ouvia a sua mãe, que, como refere num subcapítulo da biomitografia intitulado “How I Became a Poet”, “had a special and secret relationship with words, taken for granted as language because it was always there” (Z. p. 32).

Linda descrevia Carriacou através das suas memórias e Lorde ficava encantada sempre que ouvia a sua mãe a recordar a ilha, que considerava *home*, e a família que lá tinha deixado. Para além de referenciar a mãe, Lorde afirma que as suas irmãs também contribuíram para a sua paixão pela literatura. Phyllis e Helen, com Lorde, contavam histórias entre si durante a infância e Lorde recorda essas memórias na sua biomitografia, sublinhando o seu fascínio pelas narrativas criadas pelas irmãs e o seu desejo em ser capaz de fazer o mesmo que elas. Esta vontade que Lorde tinha de engendrar histórias intensificou-se conforme foi notando a falta de representatividade da comunidade afro-americana na literatura norte-americana dos anos 30 e 40 do século XX, da qual se apercebe quando é ainda uma criança, o que relembra em *Zami*:

All our storybooks were about people who were different from us. They were blonde and white and lived in houses with trees around and had dogs named Spot. I didn’t know people like that any more than I knew people like Cinderella who lived in castles. Nobody wrote stories about us [...]. (Z. p. 18)

O fascínio de Audre Lorde pela ficção e pela arte de contar histórias foi crescendo com o passar dos anos e, à medida que a escritora ia dando continuidade à sua jornada de autodescoberta, ia também explorando mais afincadamente o mundo da literatura. Como Lorde refere logo ao iniciar *Zami*, foram as mulheres com quem se cruzou na sua jornada

aquelas que mais marcaram o seu desenvolvimento e é nelas que se inspira para escrever, almejando dar a conhecer, através dos seus textos, histórias de mulheres que não tinham sido partilhadas até então. Como Barbara DiBernard defende, é fundamental reconhecer a importância e a originalidade de Audre Lorde ao escolher mulheres como musas para as suas criações literárias quando, até então, apenas os homens escritores o tinham feito no que era já uma longa tradição literária, o que DiBernard analisa de forma bem clara em “*Zami: A Portrait of an Artist as a Black Lesbian*”:

Never once in *Zami* does Lorde express a conflict between herself as a woman and herself as an artist. [...] And as a lesbian poet, her muses are women. Women support her, nurture her, enable her to write. This has profound implications. There is a long literary tradition of the muse as female for male poets, but obviously it is very different for a female poet to have a female muse. [...] Since the muse is not Other, but a woman like the artist herself, “lesbian myth provides a way of seeing the poet in the woman, not as alien or monstrous, but as an aspect of her womanhood” (Carruthers 296). Not only does Lorde feel no conflict between herself as an artist and as a woman, but the women she loves – as relatives, friends, and lovers – sustain her as a writer rather than thwart her.” (1991: 198)

Ao ter as mulheres como ponto de partida, Lorde rompe mais uma vez com a tradição literária ao apresentar no seu texto a mulher comum, semelhante a si mesma, como sua própria musa. A autora evidencia, deste modo, que não existe qualquer conflito entre a sua identidade enquanto escritora e enquanto mulher, uma vez que se inspira nas mulheres que ama na sua vida pessoal para, através delas, enriquecer os seus textos.

3.3. As mulheres que marcaram a jornada de Lorde e a descoberta do sentido de *home* na personagem “Zami”

Ao longo de *Zami: A New Spelling of My Name*, Lorde recorda as mulheres que passaram pela sua vida e que, de algum modo, influenciaram a sua jornada de autodescoberta e de procura pelo sentido de *home*. A mãe é a mulher que Lorde mais invoca ao longo da sua biografia, sendo também recorrentemente referida em alguns dos seus ensaios teóricos. Linda é descrita como uma mulher forte, severa e pouco afetuosa, e a sua relação com Lorde era problemática, uma vez que a escritora sublinha

em *Zami* a falta de afeto que sempre sentiu por parte da mãe e a atitude agressiva que esta adotava perante a filha sempre que Lorde se insurgia contra a discriminação de que era vítima. Lorde relembra na narrativa que, ao longo da sua infância e da sua adolescência, sempre que se apercebia das atitudes discriminatórias de que era alvo e as tentava combater, Linda castigava-a e batia-lhe, projetando na filha toda a raiva que, ao longo dos anos, foi acumulando por não contestar o racismo evidente que era diariamente dirigido à sua comunidade¹¹. A relação conturbada entre mãe e filha agravou-se quando Lorde entrou para o ensino secundário e, duas semanas após concluir essa etapa escolar, a escritora saiu de casa dos pais, movida pela vontade de adquirir a sua independência e de se afastar do mal-estar familiar que se tinha vindo a gerar em anos anteriores.

Ainda que nunca tenha existido uma reconciliação entre Lorde e a sua família, a relação com a sua mãe é um tópico que a escritora aborda recorrentemente em *Zami* e sobre o qual reflete sem qualquer constrangimento. Durante a sua infância, Lorde sempre perspetivou a sua mãe como uma mulher inabalável por se mostrar resistente à opressão movida pela sociedade patriarcal e racista em que estava inserida. Apesar da valentia que associava a Linda e que fazia Lorde admirar a mãe nesse aspeto, a ausência de afeto por parte desta levou a escritora a sublinhar em *Zami* a necessidade de sentir amor por parte da figura materna. No que concerne à relação entre mãe e filha, é fundamental reconhecer a importância que Linda teve na jornada de autodescoberta de Lorde, uma vez que a sua mãe foi a primeira mulher com quem criou uma relação e foi quem influenciou todas as conexões com outras mulheres que a escritora teve durante a sua vida adulta. A relevância que a sua mãe tem para o seu percurso pessoal e criativo, descrito na narrativa, é de tal forma incontornável que foi com Linda que surgiu na biomitografia a primeira instância em que Lorde fantasia com uma mulher, momento que a escritora recria em *Zami*:

¹¹ O comportamento de Linda para com Lorde nas situações em que esta combatia a discriminação racial de que era alvo exemplifica, sem dúvida, a premissa desenvolvida pela escritora no ensaio teórico “Eye to Eye: Black Women, Hatred, and Anger”, primeiramente publicado em 1983. As mulheres afro-americanas, uma vez que não podiam expressar a ira que sentiam perante a comunidade branca que as oprimia por recearem as consequências desse ato, projetavam essa frustração umas nas outras. Linda é uma das mulheres negras que, devido ao preconceito de que era vítima, vivia dominada pela raiva e revela querer castigar os que oprimiam a sua filha, mas, como não lhe era permitida tal atitude, vingava-se na filha.

I felt the slight rubbing bulge of the cotton pad between my legs, and I smelled the delicate breadfruit smell rising up from the front of my print blouse that was my own womansmell, warm, shameful, but secretly utterly delicious. Years afterward when I was grown, whenever I thought about the way I smelled that day, I would have a fantasy of my mother, her hands wiped dry from the washing, and her apron untied and laid neatly away, looking down upon me lying on the couch, and then slowly, thoroughly, our touching and caressing each other's most secret places. (Z. p. 88)

A ânsia de amor e de toque físico entre mãe e filha que é recriada por Lorde na sua biomitografia acaba por ser uma demonstração da carência que Lorde sentia pela falta de afeto da parte da mãe. Esta imagem que Lorde constrói pode, precisamente, ser entendida como uma representação do fascínio que sente pela pujança, independência e poder demonstrados pela mãe. Porém, e ainda que a relação entre as duas tenha moldado a atitude de Lorde em todos os envolvimento amorosos que relembra ao longo da sua biomitografia, a fantasia que a escritora recria não deve ser encarada como uma manifestação literal de um desejo erótico pela sua mãe, uma vez que em *Zami* a escritora apenas demonstra sentir-se atraída sexualmente pelas mulheres com quem tem relacionamentos amorosos.

Ao longo da biomitografia, a escritora recorda as mulheres com quem se relacionou e que, de alguma forma, impactaram a sua jornada de autodescoberta e moldaram a sua identidade. Durante a adolescência, Lorde conheceu Gennie, uma das poucas alunas negras que frequentava a sua escola e que se distinguia pela assertividade, extravagância e irreverência. A amizade entre as duas desenvolveu-se rapidamente, o que resultou numa grande intimidade. Por essa razão, o suicídio de Gennie é lembrado pela escritora em *Zami* como um momento muito difícil. Anos mais tarde, Lorde viveu a sua primeira relação lésbica com Ginger, uma mulher negra que tinha passado por um processo de divórcio pouco tempo antes de se conhecerem. Ginger fascinava Lorde pelo modo como se conhecia a si mesma e se afirmava certa da sua identidade, o que a escritora também almejava sentir.

A relação acabou e, de seguida, Lorde conheceu Bea, o seu segundo interesse amoroso e a primeira mulher branca com quem se envolveu. Em *Zami*, a escritora descreve Bea como uma mulher loira de olhos azuis e sublinha que esta era proveniente de uma família abastada. Quando o envolvimento entre as duas terminou, Bea teve dificuldade em aceitar o fim dessa relação.

Quando Lorde decidiu passar uma temporada no México, depois do término da relação com Bea, conheceu Eudora, uma mulher norte-americana que se mudara para lá pela paixão que assumia ter pela cultura e história mexicanas. Eudora era uma mulher mais velha de quarenta e oito anos, com uma carreira jornalística que impressionou Lorde. Por viver a vida como se de uma história se tratasse, sempre repleta de aventuras, Eudora era, até então, a mulher mais fascinante que Lorde já tinha conhecido. Porém, apesar de a escritora ter ficado encantada com esta mulher, a relação terminou uma vez que Eudora se deixou dominar pelo alcoolismo onde se tinha refugiado após enfrentar um problema oncológico. Ainda assim, Lorde confessa em *Zami* que recorda Eudora pelo impacto positivo que teve na sua jornada pessoal e criativa, e sublinha que foi com o envolvimento que teve com Eudora que se sentiu pela primeira vez uma mulher, recordando-nos de que “in that moment, as in the first night when I held her, I felt myself pass beyond childhood, a woman connecting with other women in an intricate, complex, and everwidening network of exchanging strengths” (Z. p. 205). Além disso, a temporada que passaram juntas no México foi uma experiência que Lorde descreve como libertadora, visto que lá não se sentiu marginalizada pela sua raça, ao contrário do que sucedia nos Estados Unidos.

Depois de regressar do México, Lorde conheceu Muriel, uma mulher italiana de idade próxima da sua que tinha sido diagnosticada com esquizofrenia e que estava ainda a descobrir a sua identidade como poeta. Gerou-se uma empatia entre Muriel e Lorde que se intensificou quando esta soube que, tal como ela tinha perdido Gennie, também Muriel tinha sofrido com a morte de uma amiga durante a adolescência. Embora inicialmente tivessem tido uma relação feliz, a doença mental de Muriel agravou-se e os seus comportamentos acabaram por ditar o final do envolvimento amoroso entre as duas. Por fim, o último relacionamento amoroso que Lorde retrata em *Zami* é com Afrekete, também conhecida como Kitty, uma mulher negra lésbica. Lorde e Kitty conheceram-se numa festa e viveram um romance intenso e feliz. Lorde descreve Kitty como uma mulher carinhosa, sensual e confiante, tendo sido alguém que lhe ensinou muito sobre o amor. Torna-se relevante aqui mencionar que, de todas as relações amorosas que Lorde teve, o seu envolvimento com Kitty foi o que considerou mais importante, e Kitty é, de todas as mulheres que passaram pela vida da autora, a que mais associava à sua mãe.

Embora Lorde relate em *Zami* os relacionamentos amorosos homossexuais que teve, é fundamental reparar que não existe na biomitografia nenhum momento em que a escritora se assume lésbica. Ao invés disso, o que sucede é que, com as experiências que

vai vivenciando, Lorde apercebe-se da sua orientação sexual e vive sem nunca esconder esse plano da sua identidade. Mesmo que em determinados momentos do texto, nomeadamente quando é ainda uma adolescente, a escritora não consiga expressar os seus sentimentos e desejos de uma forma explícita, é evidente desde o início da narrativa, onde remonta à sua infância, o seu amor e fascínio por mulheres. Na época em que *Zami* foi publicado, na década de 80, eram ainda escassos os textos que tratavam a homossexualidade dentro da comunidade de mulheres afro-americanas, uma vez que foi apenas a partir dos anos 70 que começaram a ser publicadas histórias que tinham como protagonistas mulheres lésbicas. Até então, como não existia na literatura publicada nos Estados Unidos representatividade de mulheres homossexuais, Lorde, durante a sua adolescência, sentia uma enorme solidão enquanto mulher negra e lésbica, o que recorda na sua biografia:

I remember how being young and Black and gay and lonely felt. A lot of it was fine, feeling I had the truth and the light and the key, but a lot of it was purely hell. There were no mothers, no sisters, no heroes. We had to do it alone, like our sister Amazons, the riders on the loneliest outposts of the kingdom of Dahomey. We, young and Black and fine and gay, sweated out our first heartbreaks with no school nor office chums to share that confidence over lunch hour. (Z. p. 207)

Durante os anos 50 e 60, época a que Lorde remonta quando relembra a solidão que sentia, as narrativas que eram publicadas não eram centradas em protagonistas que pertencessem a uma interseção de categorias minoritárias como aquela em que Lorde se inseria. Mesmo ao longo do percurso que Lorde descreve em *Zami* e em que conhece várias mulheres de diferentes raças, orientações sexuais e nacionalidades, a escritora sente-se colocada à margem de todos os grupos com quem contactou. A comunidade branca feminista discriminava Lorde pela sua raça, a comunidade negra marginalizava-a pela sua orientação sexual e a comunidade lésbica negligenciava a interseção da sua raça e orientação sexual, reconhecendo apenas a sua homossexualidade. A escritora percebe, deste modo, que o seu caminho de autodescoberta enquanto mulher, lésbica e negra tinha de ser percorrido de forma solitária, uma vez que as diferentes comunidades que conheceu apenas aceitavam uma parte da sua identidade e não reconheciam a sua identidade como um todo, resultante da interseção de diferentes categorias sociais.

É também na jornada que retrata em *Zami* que Lorde admite que se encontrava, desde criança, numa procura incessante pelo sentido de *home*. Durante a sua infância, a autora acreditava que Carriacou seria o sítio que lhe traria esse sentimento que tanto procurava, uma vez que era o local que a sua mãe considerava ser a sua casa. De facto, as memórias de Linda, bem como as descrições que fazia e as histórias que contava, deram a Lorde um sentimento de alento, uma vez que acreditava que quando conhecesse Carriacou iria sentir que tinha finalmente encontrado o que procurava, *home*, afirmando: “Once home was a far way off, a place I had never been to but knew well out of my mother’s mouth” (Z. p. 11). Nova Iorque, onde Lorde vivia com a sua família, era apenas a cidade onde residiam de forma temporária até poderem regressar a casa, o que a escritora refere em:

This now, here, was a space, some temporary abode, never to be considered forever nor totally binding nor defining, no matter how much it commanded in energy and attention. For if we lived correctly and with frugality, looked both ways before crossing the street, then someday we would arrive back in the sweet place, back *home*. (Z. p. 11)

Conforme Lorde foi crescendo e se foi relacionando com as diversas mulheres que impactaram a sua vida, a escritora começou a projetar nelas esse desejo de encontrar um lar que considerasse *home*. Sem dúvida, a escritora faz uma associação recorrente de *home* ao amor e ao toque físico com outras mulheres. A primeira vez que Lorde associa o amor físico que partilhou com outra mulher ao significado de *home* sucede com Ginger, a primeira mulher com quem se relacionou, como deixa claro em *Zami*:

I never questioned where my knowledge of her body and her need came from. Loving Ginger that night was like coming home to a joy I was meant for, and I only wondered, silently, how I had not always known that it would be so. (Z. p. 161)

Já aquando do seu envolvimento com Bea, Lorde relembra ter encontrado novamente um sentimento de pertença através do momento de intimidade sexual que partilharam, o que igualmente a escritora sublinha na biomitografia:

That night, I invited Bea to stay over. The rest was surprisingly easy. I made love to a woman for the first time in my very own bed. This was home, feeling the physical tensions

of the last months of hope and despair loosen inside of me, as if a long fast had broken.
(Z. p. 175)

No que concerne à temporada que passou no México, onde conheceu Eudora, Lorde sentiu, por momentos, ter encontrado não só no México, como também em Eudora, a *home* que desde sempre procurara e que não parecia conseguir descobrir nos Estados Unidos, o que a escritora reforça em *Zami*:

Despite all the sightseeing I had done, and all the museums and ruins I had visited, and the books I had read, it was Eudora who opened those doors for me leading to the heart of this country and its people. It was Eudora who showed me the way to the Mexico I had come looking for, that nourishing land of flight and color where I was somehow at home.”
(Z. p. 200)

A procura incessante de Lorde por um lugar que considerasse o seu lar termina quando conclui a sua jornada de autodescoberta. Inicialmente, a escritora acredita que Carriacou, considerada pela sua mãe como a sua casa, poderá representar a *home* que procura, e à qual primeiramente atribui um significado físico. Contudo, quando a sua jornada termina, Lorde redefine o que para si é o sentido de *home*, afastando-se do significado de *home* que a sua mãe defendia e passando a associar *home* à sua própria identidade e ao seu autoconhecimento enquanto escritora e enquanto mulher¹². Através deste desenvolvimento pessoal e literário que Lorde recria em *Zami*, a escritora assume perante si mesma que se tornou Zami, uma nova personagem que emerge da narrativa e que se distingue por ser uma mulher e escritora negra lésbica, que ama mulheres e as considera as musas da sua literatura. Ao assumir-se como esta personagem, Lorde encontra o sentido de *home* que sempre procurou e termina assim a jornada de autodescoberta que recria em *Zami*, devendo a sua biomitografia ser percebida como

¹² No seguimento deste tema central da biomitografia, Ma Pilar Sánchez Calle argumenta no artigo “Home as an Exotic and Real Place in *Zami: A New Spelling Of My Name* by Audre Lorde”, publicado em 2000, que muitas escritoras afro-americanas, depois de serem confrontadas com o sentido que os seus pais dão a *home*, redefinem esse conceito de acordo com a sua própria experiência.

um *Bildungsroman*¹³. A identidade da nova personagem que Lorde assume foi moldada pelas gerações de mulheres que se cruzaram consigo ao longo da sua vida e que permitiram a conclusão da sua jornada de autoconhecimento enquanto mulher e também enquanto escritora, o que destaca no fim da narrativa:

Zami. A Carriacou name for women who work together as friends and lovers. We carry our traditions with us. [...] Recreating in words the women who helped give me substance. [...] Once home was a long way off, a place I had never been to but knew out of my mother's mouth. I only discovered its latitudes when Carriacou was no longer my home. There it is said that the desire to lie with other women is a drive from the mother's blood. (Z. pp. 303-304)

Para além de *Zami* ser a personagem que Lorde assume perante si mesma, o nome “*Zami*” representa também na biomitografia uma identidade coletiva composta por diversas mulheres e pelas suas histórias, uma vez que a escritora faz uso do nome “*Zami*” para, através dele, englobar toda uma linhagem de mulheres, desde a sua mãe às suas amigas e amantes.

Para além disso, Lorde demonstra na narrativa a sua recusa em permitir que a associem a uma categoria específica, tanto no que diz respeito ao género textual de *Zami* como no que concerne à sua identidade pessoal enquanto mulher negra lésbica. *Zami* é assim o resultado da interseção de diferentes géneros textuais, refletindo simultaneamente a identidade multicultural de Lorde. O texto que Lorde nos apresenta está, de facto,

¹³ O termo, utilizado pela primeira vez em 1819 pelo filologista Johann Karl Simon Morgenstern, é referente a um género literário que tem por base o crescimento moral e psicológico do protagonista, desde a infância à idade adulta. Em *Zami*, a jornada com que Lorde nos presenteia descreve o seu desenvolvimento enquanto mulher e enquanto escritora, desde tenra idade até ao início da vida adulta. Este percurso pessoal e literário da escritora é marcado pelo seu processo de procura pelo sentido de *home* e pela necessidade de definir a sua identidade. A biomitografia de Audre Lorde deve assim ser percecionada como um *Bildungsroman*, uma vez que retrata a sua evolução desde a sua infância, marcada pelo preconceito múltiplo de raça, género e orientação sexual e pela falta de confiança no poder da sua voz, até à idade adulta, onde passa a valorizar a sua escrita e a assumir-se uma mulher plenamente consciente e orgulhosa da sua identidade, que problematiza nos seus textos a discriminação de que a comunidade de mulheres negras lésbicas é vítima.

imbuído da sua identidade não só como escritora, mas também como mulher. A sua recusa em ser definida por apenas um dos seus vários traços identitários revela-nos a sua preocupação em se afastar do estereótipo associado à mulher afro-americana da época, que era considerada pela comunidade branca como inferior e com uma atitude caracterizada pela passividade no que concerne a movimentos sociais e políticos. No final da narrativa, Lorde agradece às mulheres de diferentes raças, idades e orientações sexuais que conheceu e com quem se relacionou por a terem nutrido enquanto mulher e escritora e por, desse modo, a terem ajudado a entender que o sentido de *home* que procurava estava em si, na sua identidade e na nova personagem que assume no final da biomitografia.

Conclusão

A sociedade norte-americana da década de 1950, traumatizada pelo tumulto que a Grande Depressão e a participação dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial causaram nos anos 30 e 40, respetivamente, ansiava alcançar estabilidade. Como resposta a esta preocupação, surgiu nos norte-americanos a vontade de constituir família e de ter uma casa nos subúrbios, ao invés de habitar as grandes cidades, uma vez que aqueles eram encarados como o local ideal para uma tentativa de recomeço após duas décadas tão conturbadas a nível social, político e financeiro. Para além disso, deu-se também durante os anos 50 um desejo de retorno aos papéis de género tradicionalmente estabelecidos em décadas anteriores, com a figura do homem como tendo, para além de vida pessoal, uma carreira, e a mulher como sendo reduzida à esfera doméstica, sendo que estes estereótipos configuravam o ideal de homem e de mulher daquela época. Ainda que estes modelos de homem e mulher norte-americanos fossem aceites socialmente, existiam já desde o envolvimento dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial cada vez mais mulheres a contribuir para a força laboral do país e a ocupar postos de trabalho que pertenciam anteriormente aos homens. Deste modo, estas mulheres rompiam com o papel doméstico que lhes era tradicionalmente imposto, e muitas começaram a almejar a independência que lhes tinha sido negada durante tanto tempo pela sociedade patriarcal em que estavam inseridas.

Para além disso, nos anos 60, os Estados Unidos assistiram ao aparecimento de diferentes movimentos sociais que lutavam pela igualdade de direitos e contra a discriminação de raça, de género, de classe social e também de orientação sexual. Como este trabalho foi dando conta em diversos momentos, foram muitas as escritoras que se insurgiram publicamente contra o racismo, o sexismo e a homofobia, assumindo, através da problematização que fizeram nos seus textos, um papel ativo na luta social contra as várias formas de preconceito que se faziam sentir na América no início da segunda metade do século XX, e entre elas aqui Audre Lorde em lugar de destaque. Como defendi ao longo deste trabalho, Lorde foi uma escritora que direccionou a maior parte dos seus textos para a problematização das formas discriminatórias de que foi vítima enquanto mulher e enquanto escritora negra lésbica. No que concerne aos ensaios seleccionados que foram tratados no Capítulo 2, é importante sublinhar a relevância que foi dada por Lorde às categorias sociais raça, género, classe social e orientação sexual, tendo estas assumido um papel de destaque em todos os textos teóricos que foram analisados neste trabalho. É

ainda fundamental reconhecer que nos seus ensaios a escritora não só problematiza a discriminação de raça, de género, de classe social ou de orientação sexual, como também defende que a interseção dessas mesmas categorias gera esferas de opressão particulares, tendo este pensamento sido desenvolvido alguns anos mais tarde, já no final da década de 1980, através do conceito “interseccionalidade”, apresentado por Kimberlé Crenshaw.

A importância que Audre Lorde atribui às categorias raça, género e orientação sexual, perspectivadas por si como cruciais para a definição da sua identidade enquanto mulher e enquanto escritora, é particularmente visível na sua inovadora biomitografia. Nesta narrativa, a escritora recria o seu percurso de autodescoberta desde a sua infância até ao início da vida adulta, marcado pelas diversas mulheres que conheceu e com quem se foi relacionando afetivamente. Em *Zami*, Lorde articula a multiplicidade de géneros textuais com a pluralidade de vozes das mulheres com quem se relacionou na sua jornada e é também neste texto que Lorde sublinha, com pertinência, o impacto que ser uma mulher negra lésbica teve na sua identidade tanto a nível pessoal, como também literário.

Zami traça também a jornada da escritora no que diz respeito à procura pelo sentido de *home*. Inicialmente, Lorde acredita que só iria conseguir encontrar esse sentido num lugar físico, sendo que mais tarde começa a associar *home* ao amor físico que partilha com diferentes mulheres. Porém, ao terminar *Zami*, a escritora e a mulher reconhece que foram as mulheres com quem se relacionou que moldaram a sua identidade, e que aquelas a auxiliaram na sua busca incessante pelo sentido de *home*. A jornada descrita na biomitografia culmina assim com o entendimento por parte de Lorde de que o sentido de *home* que sempre havia procurado estava na sua identidade, definida vincadamente pela sua raça, orientação sexual e género, e na nova personagem que emerge da narrativa e que a escritora assume perante si mesma. No fim da biomitografia, Lorde assume o nome “Zami”, originário de Carriacou, para se definir como uma escritora afro-americana lésbica que admite a mulher como ponto de partida para os seus textos. A escritora vai mais longe e utiliza também o nome “Zami” de forma pensada para, através dele, representar uma identidade coletiva composta por todas as mulheres que conheceu ao longo da sua vida, também elas muitas vezes vítimas das esferas de opressão particulares geradas pela interseccionalidade.

Referências Bibliográficas

- Allyn, David. *Make Love, Not War. The Sexual Revolution: An Unfettered History*. Taylor & Francis, 2016.
- Angelou, Maya. *And Still I Rise: A Book of Poems*. Penguin Random House, 2011.
- . *I Know Why The Caged Bird Sings*. Virago Press, 1984.
- . *Wouldn't Take Nothing for My Journey Now*. Penguin Random House, 1993.
- Baseggio, Giorgia. *Adrienne Rich: Keywords For the Future*. MA Thesis, 2021, <http://dspace.unive.it/bitstream/handle/10579/19704/853575-1250635.pdf>.
Acedido em 1 de julho de 2023.
- Beal, Frances M. "Black women's manifesto; double jeopardy: To be Black and female." *New York: Third World Women's Alliance*, 1969.
- Berry, Mary Frances. "Twentieth-Century Black Women in Education". *The Journal of Negro Education*, vol. 51, no. 3, 1982, pp. 288-300, <https://www.jstor.org/stable/2294696>. Acedido em 1 de julho de 2023.
- Beuka, Robert. *SuburbiaNation - Reading Suburban Landscape in Twentieth-Century American Fiction and Film*. Palgrave Macmillan, 2004.
- Breines, Wini. "Sixties Stories' Silences: White Feminism, Black Feminism, Black Power". *NWSA Journal*, vol. 8, no. 3, 1996, pp. 101-121, <http://www.jstor.org/stable/4316463>. Acedido em 1 de julho de 2023.
- Calle, Ma Pilar Sánchez. "Home as an Exotic and Real Place in Zami: A New Spelling of My Name by Audre Lorde". *"New" Exoticisms*, 2000, pp. 251-257.
- Cantor, Muriel G. "The American Family on Television: From Molly Goldberg to Bill Cosby". *Journal of Comparative Family Studies*, vol. 22, no. 2, 1991, pp. 205-216, <https://www.jstor.org/stable/41602146>. Acedido em 30 de junho de 2023.
- Catalano, Christina. "Shaping the American Woman: Feminism and Advertising in the 1950s". *Constructing the Past*, vol. 3, no. 1, 2002, pp. 43-55, <https://digitalcommons.iwu.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1054&context=constructing>. Acedido em 1 de julho de 2023.
- Cho, Sumi, Kimberlé Crenshaw e Leslie McCall. "Toward a Field of Intersectionality Studies: Theory, Applications, and Praxis". *Signs*, vol. 38, no. 4, 2013, pp. 785-810, <https://doi.org/10.1086/669608>. Acedido em 1 de julho de 2023.
- Crenshaw, Kimberlé. "Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist

- Politics”. *University of Chicago Legal Forum*, vol. 1989, no. 1, 1989, pp. 138-167,
<https://chicagounbound.uchicago.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1052&context=uclf>. Acedido em 1 de julho de 2023.
- . “Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color”. *Stanford Law Review*, vol. 43, 1991, pp. 1241-1299,
<https://www.jstor.org/stable/1229039>. Acedido em 1 de julho de 2023.
- Das, Mohana. “The Principles of Embracement: Audre Lorde’s reasoning and acceptance in *Zami: A New Spelling of My Name*”. *Gnosis*, vol. 8, no. 4, 2022, pp. 66-72.
- Degler, Carl N. “Revolution without Ideology: The Changing Place of Women in America”. *Daedalus*, vol. 93, no. 2, 1964, pp. 653-670,
<https://www.jstor.org/stable/20026849>. Acedido em 1 de julho de 2023.
- DiBernard, Barbara. “Zami: A Portrait of an Artist as a Black Lesbian”. *The Kenyon Review*, vol. 13, no. 4, 1991, pp. 195-213, <https://www.jstor.org/stable/4336574>.
 Acedido em 1 de julho de 2023.
- Dudley, Rachel A. “Confronting the Concept of Intersectionality: The Legacy of Audre Lorde and Contemporary Feminist Organizations”. *McNair Scholars Journal*, vol. 10, no. 1, 2006, pp. 36-45,
<https://scholarworks.gvsu.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1063&context=mcnair>. Acedido em 1 de julho de 2023.
- Evans, Sara M. “Women’s Liberation: Seeing the Revolution Clearly”. *Feminist Studies*, vol. 41, no. 1, 2015, pp. 138-149,
<https://www.jstor.org/stable/10.15767/feministstudies.41.1.138>. Acedido em 1 de julho de 2023.
- Friedan, Betty. *The Feminine Mystique*. W. W. Norton & Company, 1963.
- Froula, Christine. “The Daughter’s Seduction: Sexual Violence and Literary History”. *Signs*, vol. 11, no. 4, 1986, pp. 621-644, <https://www.jstor.org/stable/3174136>.
 Acedido em 1 de julho de 2023.
- Harris, Angela e Zeus Leonardo. “Intersectionality, Race-Gender Subordination, and Education”. *Review of Research in Education*, vol. 42, no. 1, 2018, pp.1-27,
<https://doi.org/10.3102/0091732X18759071>. Acedido em 1 de julho de 2023.
- Henderson, Abney L. *Four Women: An Analysis of the Artistry of Black Women in the Black Arts Movement, 1960s-1980s*. MA Thesis, 2014,

<https://digitalcommons.usf.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=6432&context=etd>.

Acedido em 1 de julho de 2023.

hooks, bell. *Ain't I A Woman*. Pluto Press, 1982.

--. *Feminist Theory: from margin to center*. South End Press, 1984.

Hull, Gloria T., Patricia Bell Scott e Barbara Smith. *All the Women Are White, All the Blacks Are Men, But Some of Us Are Brave*. The Feminist Press, 1982.

Ilmonen, Kaisa. "Identity politics revisited: On Audre Lorde, intersectionality, and mobilizing writing styles". *European Journal of Women's Studies*, vol. 26, no. 1, 2019, pp. 7-22, <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/1350506817702410>. Acedido em 1 de julho de 2023.

Jordan, June. *Civil Wars*. Beacon Press, 1981.

Keating, AnnLouise. "Making 'Our Shattered Faces Whole': The Black Goddess and Audre Lorde's Revision of Patriarchal Myth". *Frontiers: A Journal of Women Studies*, vol. 13, no. 1, 1992, pp. 20-33, <https://www.jstor.org/stable/3346940>. Acedido em 1 de julho de 2023.

King, Deborah. "Multiple Jeopardy, Multiple Consciousness: The Context of a Black Feminist Ideology." *Open Dartmouth: Faculty Open Access Articles* 14, no. 1, 1988, pp. 42-72.

Lewis, Rosamund Marie. *Biomythographical Tradition and Resistant Subjectivities in Audre Lorde's Zami: A New Spelling of My Name*. MA Thesis, 2016.

Lorde, Audre. *A Burst of Light and Other Essays*. Ixia Press, 2017.

--. *Sister Outsider*. Crossing Press, 2007.

--. *Zami: A New Spelling of My Name*. Penguin Classics, 2018.

Martin, Joan M. "The Notion of Difference for Emerging Womanist Ethics: The Writings of Audre Lorde and bell hooks". *Journal of Feminist Studies in Religion*, vol. 9, no. 1/2, 1993, pp. 39-51, <https://www.jstor.org/stable/25002199>. Acedido em 1 de julho de 2023.

McCall, Leslie. "The Complexity of Intersectionality." *Signs*, vol. 30, no. 3, 2005, pp. 1771-1800, <https://doi.org/10.1086/426800>. Acedido em 1 de julho de 2023.

Melanni, Aura Berliana. *Self-representation, Sisterhood, and Women's Power Represented in Audre Lorde's Zami: A New Spelling of My Name*. MA Thesis, 2022.

- Milton, Trevor B. "Class Status and the Construction of Black Masculinity". *Ethnicity and Race in a Changing World: A Review Journal*, vol. 3, no. 1, 2015, pp. 17-31.
- Morrison, Toni. *The Bluest Eye*. Chelsea House, 1999.
- Nash, Jennifer C. *Black Feminism Reimagined After Intersectionality*. Duke University Press, 2019.
- . "Practicing Love: Black Feminism, Love-Politics, and Post-Intersectionality." *Meridians*, vol. 11, no. 2, 2011, pp. 1-24, <http://www.jstor.org/stable/10.2979/meridians.11.2.1>. Acedido em 1 de julho de 2023.
- Olson, Lester C. "The Personal, the Political, and Others: Audre Lorde Denouncing 'The Second Sex Conference'". *Philosophy & Rhetoric*, vol. 33, no. 3, pp. 259-285, <https://www.jstor.org/stable/40231724>. Acedido em 1 de julho de 2023.
- Peniel, Joseph. *The Black Power Movement: Rethinking the Civil Rights – Black Power Era*. Routledge, 2006.
- Penier, Izabella. *Culture-bearing Women: The Black Women Renaissance and Cultural Nationalism*. De Gruyter, 2019.
- Pickens, Therí A. "The Verb Is No: Towards a Grammar of Black Women's Anger". *CLA Journal*, vol. 60, no. 1, 2016, pp. 15-31, <https://www.jstor.org/stable/44325514>. Acedido em 1 de julho de 2023.
- Roşcan, Nina Maria. "The Struggle of the Black Intellectual with Race and Gender Representation. (W.E.B. DuBois, Frantz Fanon, Aimè Césaire, Audre Lorde and Maya Angelou)". *HyperCultura*, vol. 7, 2018, pp. 1-10, <http://litere.hyperion.ro/hypercultura/wp-content/uploads/2019/04/Roscan-Nina.pdf>. Acedido em 1 de julho de 2023.
- Rowley, Marie. "The Housewife, the Single Girl, and the Prostitute: Constructions of Femininity in Postwar American Historiography". *Pay Sigma Siren*, vol. 7, no. 2, 2011, https://digitalscholarship.unlv.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1022&context=psi_sigma_siren. Acedido em 1 de julho de 2023.
- Scott, Bonnie Kime, Susan E. Cayleff, Anne Donadey e Irene Lara. *Women in Culture: An Intersectional Anthology for Gender and Women's Studies*. John Wiley & Sons, 2017.

- Staub, Michael E. "Black Panthers, New Journalism, and the Rewriting of the Sixties". *Representations*, no. 57, 1997, pp. 52-72, <https://www.jstor.org/stable/2928663>.
Acedido em 1 de julho de 2023.
- The Combahee River Collective. "A Black Feminist Statement". *Women's Studies Quarterly*, vol. 42, no. 3/4, 2014, pp. 271-280.
- Thomas, Maya. "Audre Lorde: Unpacking Intersectionality and Oppression in Feminism". *Center for Engaged Learning, Teaching, & Scholarship*. Loyola University Chicago, 2022, <https://ecommons.luc.edu/ures/2022/2022/239/>.
Acedido em 1 de julho de 2023.
- Walker, Alice. *In Search of Our Mothers' Gardens*. Womanist Prose. Harcourt, 1983.
- . *The Color Purple*. Harcourt, 2003.
- Young, William H. e Nancy K. Young. *The 1950s*. Greenwood Press, 2004.